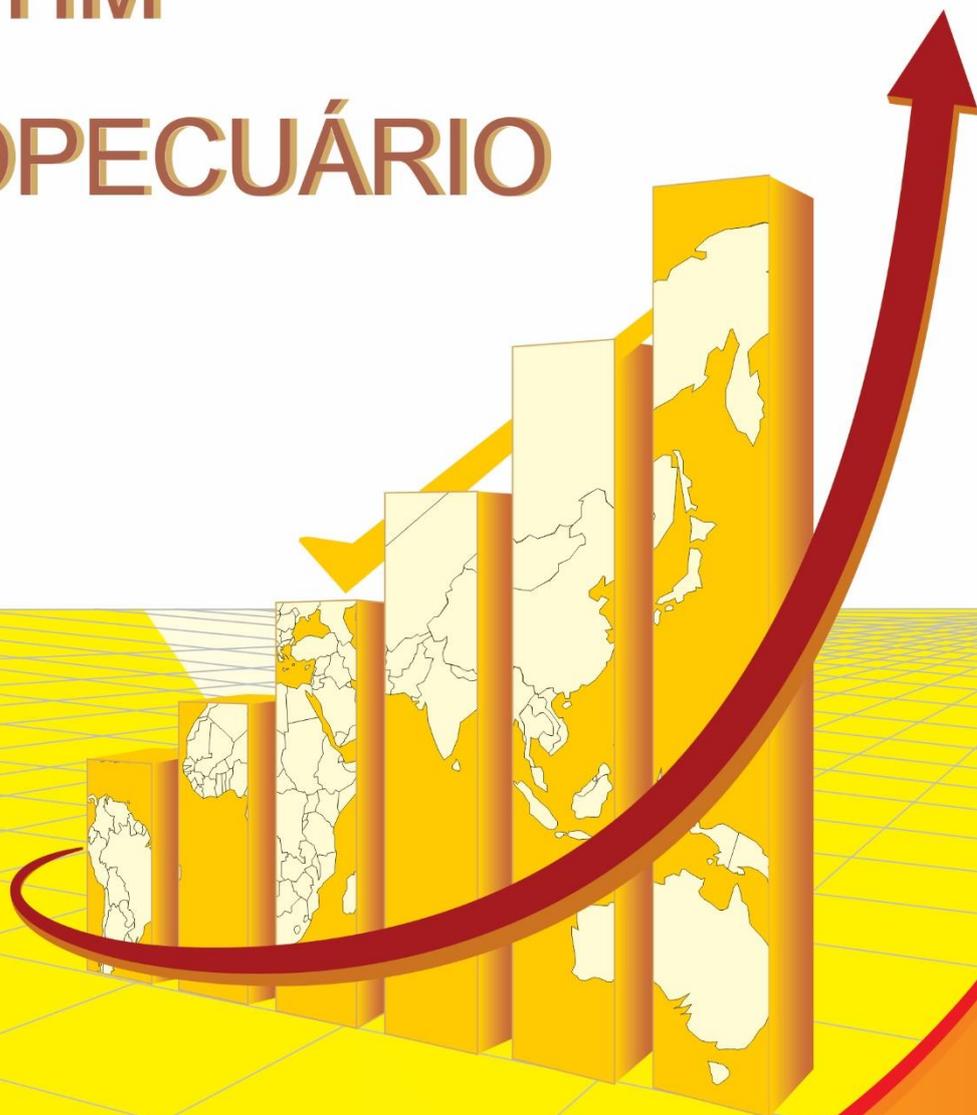


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 341

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Antonio M. Feliciano/Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior

Colaboração:

Bruna Parente Porto

Carlos Koji Kato

Claudio Luis da Silveira

Cleverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Evandro Uberdan Anater

Getúlio Tadeu Tonet

Gilberto Luiz Curti

Nilsa Luzzi

Orlando Fuchs

Saturnino Claudino dos Santos

Sidaura Lessa Graciosa

Edição: junho de 2021 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Junho/2021. Florianópolis, 2021, 53p. (Epagri. Documentos, 341).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria. Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	16
Soja	21
Trigo	25
Hortaliças	28
Alho.....	28
Cebola	32
Pecuária	35
Avicultura.....	35
Bovinocultura	41
Suinocultura.....	45
Leite	51

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Com o final da colheita de maçã e a redução da oferta da fruta a tendência é a estabilidade nas cotações, o que deve aquecer o mercado nos próximos meses com a comercialização antecipada de frutas armazenadas em atmosfera controlada e de melhor qualidade que as da safra anterior.

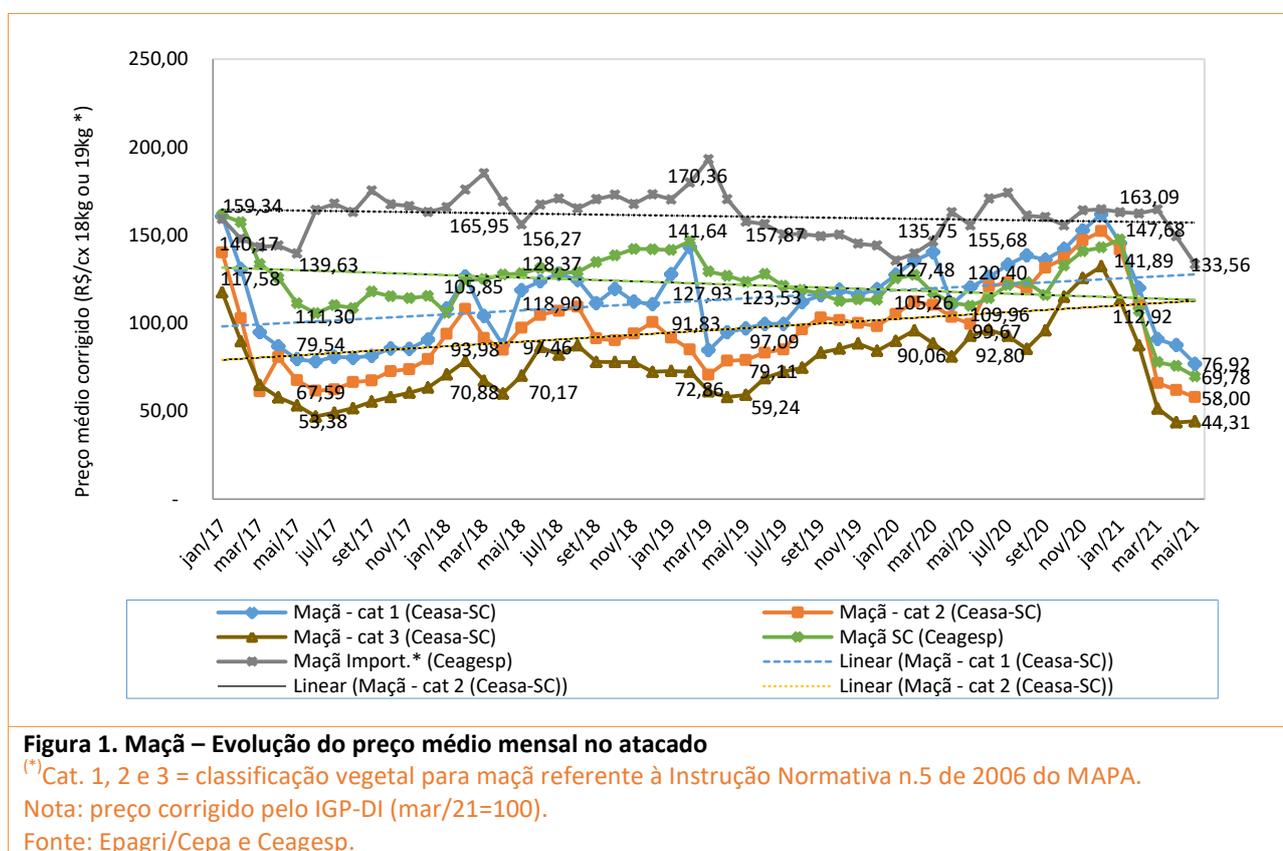


Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

(*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço corrigido pelo IGP-DI (mar/21=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Na Ceasa/SC, entre abril e maio de 2021 houve nova desvalorização nos preços da maçã categoria 1 de 12,1%, sendo que entre março e abril vinha de redução de 3,8% nas cotações. A maçã de categoria 2, entre abril e maio, manteve desvalorização acima de 6,0% como entre março e abril. No mercado a oferta da fruta se manteve elevada com a colheita da Fuji e dificuldades de escoamento da maçã Gala o que desvalorizou ainda mais os preços médios das categorias 1 e 2. Em maio, os preços das categorias 2 e 3 representaram 75,4% e 57,6% o valor da fruta cat. 1. No comparativo com 2020, a cotação de maio está desvalorizada 36,1% para cat. 1, 41,8% para cat. 2 e 52,2% para cat. 3. Com o final da colheita a tendência é a estabilidade na oferta da fruta no mercado. A estratégia é o escalonamento da comercialização entre Gala e Fuji, com expectativa de recuperação nas cotações a partir de junho de 2021.

Na Ceagesp, entre abril e maio a desvalorização no preço da maçã catarinense que havia reduzido para 2,8%, entre março e abril, passa para 7,9% com a entrada da maçã Fuji no mercado atacadista e aumento da oferta. Com restrições nos entrepostos e demanda retraída no atacado a comercialização se mantém limitada no período. As maçãs importadas estão com cotações desvalorizadas 14,2% com relação ao ano

anterior, mas representam mais de 190% o valor da fruta nacional na central de abastecimento paulistana. A expectativa é o aumento da demanda nos próximos meses com a oferta interna equilibrada com a dificuldade de importação de maçãs devido a taxa de câmbio (R\$/US\$) depreciada e o forte aumento no volume exportado da fruta no primeiro quadrimestre no ano.

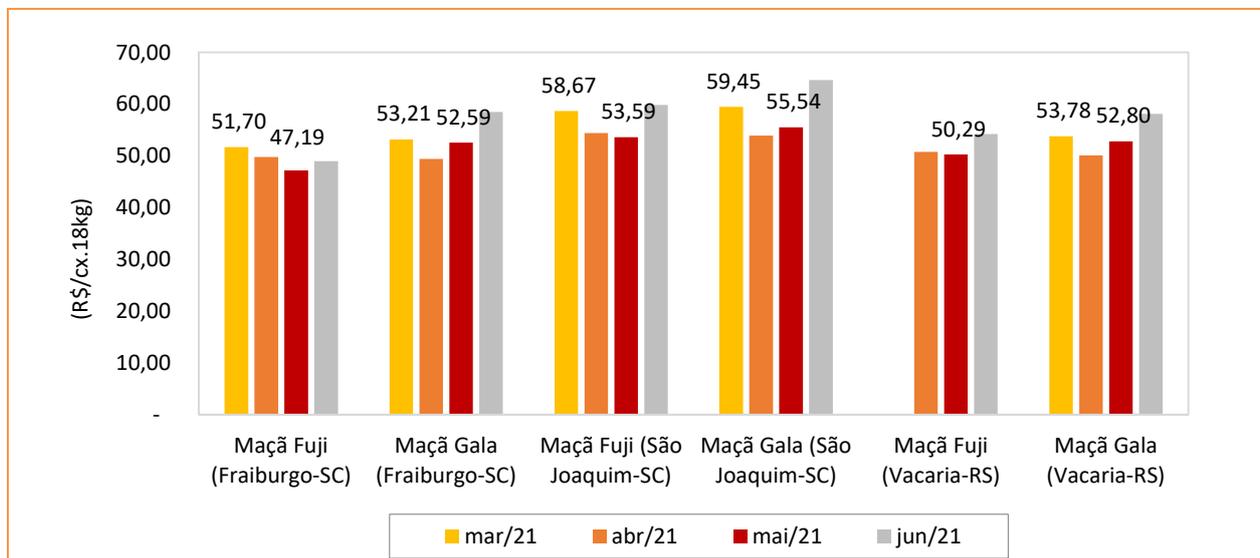


Figura 2. Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor

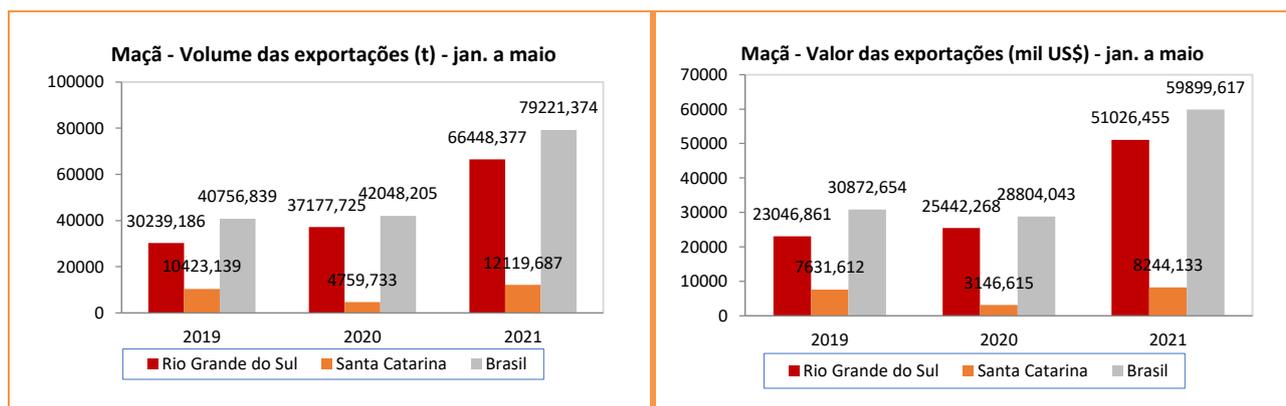
Nota: Maçã (cat.1) embalada; jun. até o dia 12 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Na região de Fraiburgo (SC), na segunda quinzena de março foi iniciada a colheita da maçã Fuji com frutas de características valorizadas pelo mercado como maior calibre, coloração e crocância adequada. Houve incidência de geada em alguns pomares. No final de abril a colheita já estava finalizada com melhor produtividade e maior produção que a safra anterior. Com limitações na demanda e comercialização a oferta de frutas nas classificadoras superou a quantidade de bins disponíveis o que acarretou escoamento de frutas granizadas e de menor calibre para a indústria de sucos. Com cotações de maçã Fuji desvalorizadas 8,7% e de 11,3% para as maçãs Gala entre março e maio a expectativa é de recuperação nos preços em junho com redução da oferta da fruta e direcionamento de parte da produção para exportação de frutas e para a indústria de suco.

Em São Joaquim (SC), entre março a abril é iniciada a colheita da maçã Fuji nos principais municípios produtores da região. Houve ocorrência de geadas tardias e granizo afetando cerca de 10% dos pomares, mas manteve a expectativa de aumento na produtividade e produção em relação a safra passada. No início de junho é finalizada a colheita da Fuji com ganho de calibre em comparação ao ano anterior. A estratégia do escoamento de frutas frescas para reduzir a oferta na região acarretou a desvalorização nas cotações de ambas as variedades. A qualidade das frutas com calibres maiores que as últimas safras entre outras características valorizadas no mercado devem garantir melhores cotações no segundo semestre de 2021. Entre março e maio houve redução de 8,7% nas cotações da Fuji e 6,6% nas de Gala. Com o acréscimo de novas áreas em produção na região a expectativa de produção da safra 2020/21 foi ampliada o que gerou aumento da oferta com redução nas cotações devido a diminuição da demanda da fruta em cozinhas industriais e na rede escolar. A tendência é a recuperação nas cotações a partir de junho com aquecimento da demanda.

Na região de Vacaria (RS), a preocupação foi com a comercialização das frutas com desvalorização de preços no mercado interno e a estratégia de ampliação das exportações de maçã como forma de aproveitar a competitividade via câmbio favorável. No final de maio houve redução da participação de pequenos produtores atuando no mercado com vendas diretas a grandes redes de supermercados.


Figura 3. Maçã – Exportações de SC e RS: nos cinco primeiros meses de 2019, 2020 e 2021

Fonte: Comexstat/MDIC.

Nos primeiros cinco meses de 2021 a exportação brasileira de maçãs foi de US\$ 59,9 milhões com um volume de 79,2 mil toneladas da fruta. Entre 2020 e 2021, no período analisado, o Brasil apresentou crescimento de 108% no valor das exportações com um aumento de 88,4% no volume exportado da fruta. Com o câmbio favorável à exportação e a demanda interna retraída, com medidas de controle da pandemia e recessão na economia, a estratégia nos primeiros cinco meses de 2021 foi o de escoar parte da produção para o mercado externo.

Em 2021, o estado do Rio Grande do Sul participou com 85,2% do valor negociado com aumento de 100,6% os valores do ano anterior e 83,9% do volume das exportações brasileiras com acréscimo de 78,7% em relação a 2020, nos cinco primeiros meses de 2021.

Enquanto o estado de Santa Catarina participou com 13,8% do valores das exportações com aumento de 162% na comparação com o ano anterior e 15,3% do volume exportado de maçãs com acréscimo de 154,6% a quantidade exportada de 2020, sendo que vinha de uma redução de 54,3% no período analisado entre 2019 e 2020.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2019/20 e a estimativa atual de 2020/21

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2019/20			Estimativa atual 2020/21			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtividade média (%)
Joaçaba	2.157	75.178	34.853	2.480	92.750	37.401	14,97	23,37	7,31
Curitibanos	958	31.755	33.147	959	39.655	41.350	0,10	24,88	24,75
Campos de Lages	10.248	380.087	37.089	11.718	459.280	39.194	14,34	20,84	5,68
Outras	112	2.482	22.161	114	2.492	21.860	1,79	0,40	-1,36
Total	13.475	489.502	36.327	15.271	594.176	38.909	13,33	21,38	7,11

Com a colheita da maçã Fuji a estimativa da produção aumentou, houve adequação nas áreas colhidas e nos volumes para a safra 2020/21.

Grãos

Arroz

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
 joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina, os preços médios pagos ao produtor no mês de maio recuaram 0,55% em relação a abril, fechando o mês em R\$87,02/saca de 50 kg. No mercado gaúcho, segundo o Cepea, houve redução de 4,35% nos preços pagos aos produtores, fechando em R\$83,25/saca de 50 kg. Na comparação dos últimos 12 meses, no mercado catarinense, em termos reais, o preço pago ao produtor está 16,66% acima daqueles praticados há um ano. A manutenção dos preços do arroz em patamares elevados é sustentada por alguns fatores: produção estabilizada nos últimos anos; consumo interno firme, apesar das dificuldades econômicas por que passa a população brasileira e, cambio favorável à exportação, que contribuiu para pressionar favoravelmente os preços do arroz.

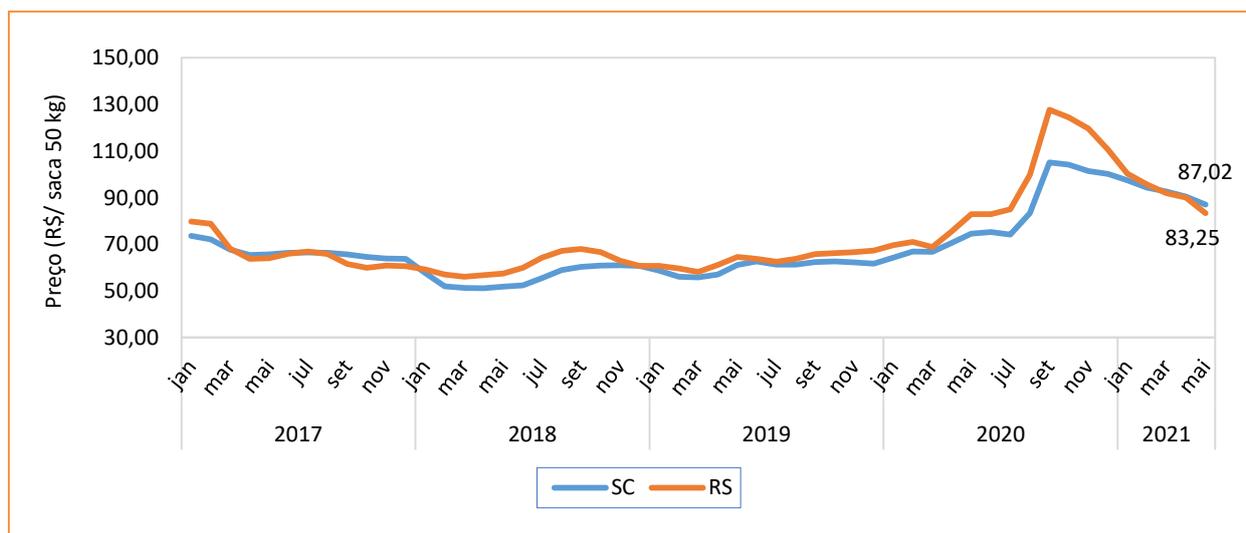


Figura 1. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (janeiro/2017 a maio/2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base maio/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), junho/2021.

Vale ressaltar que as exportações de arroz em 2020 foram 31,77% superior ao ano de 2019. Aspecto que contribuiu para a elevação dos preços da saca de arroz. Agora em 2021, de janeiro a maio, o volume de exportações brasileiras de arroz estão 40% menores quando comparadas ao mesmo período do ano passado. Segundo representantes da Associação Brasileira das Indústrias de Arroz – Abiarroz, em 2020 a pandemia do Covid 19 gerou enorme insegurança alimentar em todo mundo e importantes exportadores como Índia e Tailândia diminuíram suas vendas internacionais, o que promoveu um desequilíbrio mundial na oferta de arroz, abrindo espaço para países como o Brasil, o que não deverá se repetir em 2021.

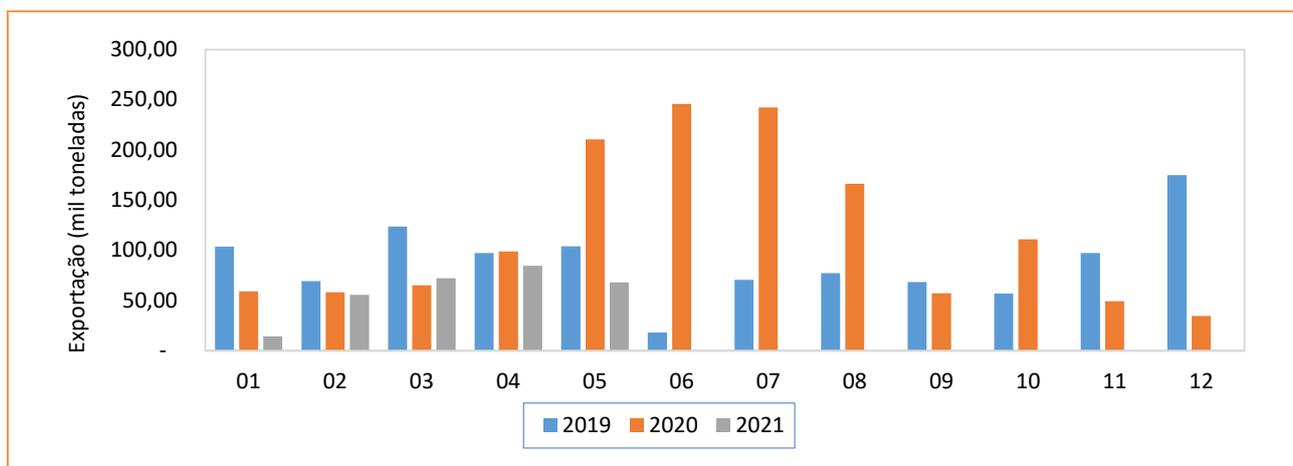


Figura 2. Brasil – Exportações arroz irrigado: evolução mensal – (janeiro/2019 a maio/2021)

Fonte: Comex Stat, abril/2021.

Segundo o Cepea, a demanda estagnada observada em 2021, tem elevado a oferta no mercado doméstico, pressionando as cotações. Com isso, a exportação pode ser uma alternativa para o escoamento da produção. Contudo, os preços no Brasil ainda estão ligeiramente acima dos registrados nos EUA e na Argentina. A menor taxa de câmbio das últimas semanas tem pressionado a paridade de importação, elevando o valor do produto brasileiro nas exportações.

O arroz é um importante item da balança comercial brasileira. O consumo do cereal tem se mantido estável nos últimos cinco anos, variando entre 10 e 11 milhões de toneladas anuais. Com uma produção estimada de 11,6 milhões de toneladas na safra 2020/21, somadas às importações de 1,1 milhões de toneladas, mais 1,6 milhões de toneladas de estoque inicial, o suprimento de arroz é estimado em cerca de 14,3 milhões de toneladas. Com um consumo na ordem de 10,8 milhões de toneladas, o estoque final é de 2,2 milhões de toneladas.

Tabela 1. Arroz em casca – Brasil: balanço de oferta e demanda – safra 2017/18 – 2020/21

Discriminação	Mil toneladas			
	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21 ⁽¹⁾
Estoque inicial	2.121,90	2.425,80	1.945,00	1.595,80
Produção	12.064,20	10.483,60	11.183,40	11.615,50
Importação	842,70	1.012,50	1.280,80	1.100,00
Suprimento	15.028,80	13.921,90	14.409,20	14.311,30
Consumo	10.793,70	10.544,60	11.000,00	10.800,00
Exportação	1.809,30	1.432,30	1.813,40	1.300,00
Estoque final (maio/21)	2.425,80	1.945,00	1.595,80	2.211,30

⁽¹⁾ Estimativa maio/2021.

Fonte: Conab, maio/2021.

Safra

Com a colheita do arroz encerrada em Santa Catarina, as três principais regiões produtoras estão realizando os últimos levantamentos, a fim de apurar com melhor exatidão os rendimentos obtidos em todos os municípios produtores do estado. Até o final de maio, com os dados da Região Sul já contabilizados, nossas estimativas apontam para um produção total de 1.256.957 toneladas de arroz, volume 0,22% maior do que foi colhido em 2020. A produtividade média nessa safra deverá ficar em cerca

de 8.478kg/ha, contra os 8.391kg/ha obtidos na safra 2019/20, valor que representa um incremento de 1,03%. No próximo mês, com dados atualizados da Região do Alto Vale e Litoral Norte, teremos estimativas finais para a safra 2020/21.

Tabela 2. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Saфра 2019/20			Estimativa Inicial - Saфра 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	512.719	8.713	0,00	1,54	1,55
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.116	62.977	8.850	0,21	-0,61	-0,82
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.830	191.735	8.783	0,01	0,29	0,29
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	11.333	5.981	-0,37	-3,82	-3,46
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.446	76.607	8.110	-0,34	2,90	3,25
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,40	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.226	150.067	8.234	0,00	-0,15	-0,15
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.696	92.625	8.660	0,26	3,53	3,26
Tabuleiro	132	739	5.598	132	877,8	6.650	0,00	18,78	18,79
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	15.780	7.292	0,00	-2,60	-2,59
Tubarão	18.940	150.239	7.932	17.740	140.697	7.931	-6,34	-6,35	-0,01
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	148.264	1.256.957	8.478	-0,80	0,22	1,03

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2021.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em maio, o preço médio pago para produtores catarinenses de feijão-carioca, para a praça de referência de Joaçaba, SC, permaneceu estável em relação a abril, fechando em R\$240,09/saca de 60 kg. No mercado paranaense, foi observado ligeira alta nos preços médios mensais na ordem de 1,22%. Mato Grosso do Sul e Goiás registraram altas de 2,92% e 6,26%, respectivamente. No mercado catarinense, os preços do feijão-preto recuaram 2,64% em relação a abril, fechando a média mensal para a praça de referência de Canoinhas em R\$260,32/saca de 60 kg.

Segundo a Conab, no atacado paulista o mercado segue calmo, com poucas negociações e preços praticamente estáveis, o que mostra que a oferta, nos atuais patamares de preços, continua sobrepondo as necessidades da demanda. A fraca demanda também está sendo motivada pela falta de mercadoria de boa qualidade, pois a maioria das ofertas procede do estado do Paraná e Santa Catarina, prejudicada pelo clima adverso.

Mais uma vez, em função dos problemas de ordem climática, onde a estiagem atingiu as principais regiões produtoras, sobretudo durante o mês de abril, a oferta de produto de boa qualidade reduziu significativamente, gerando um quadro de oferta e demanda bastante ajustado. Com isso, os preços devem continuar atrativos, contudo, sem espaço para maiores elevações devido às dificuldades que as indústrias de empacotamento vão encontrar para repassar reajustes ao setor varejista, leia-se consumidores.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Mai/2021	Abr./2021	Variação mensal (%)	Mai/2020	Variação anual (%)
Santa Catarina⁽¹⁾	Feijão-carioca	240,00	240,00	0,00	271,25	-11,52
Paraná		267,37	264,14	1,22	304,45	-12,18
Mato Grosso do Sul		285,90	277,79	2,92	338,57	-15,56
Bahia		266,90	262,73	1,59	312,74	-14,66
São Paulo		298,25	295,00	1,10	325,70	-8,43
Goiás		275,52	259,30	6,26	321,11	-14,20
Santa Catarina⁽²⁾	Feijão-preto	260,32	267,37	-2,64	219,67	18,51
Paraná		266,58	255,71	4,25	219,80	21,28
Rio Grande do Sul		281,29	267,82	5,03	196,63	43,06

⁽¹⁾ Feijão-carioca: praça referência Joaçaba, SC.

⁽²⁾ Feijão-preto: praça referência Canoinhas, SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), junho/2021.

Custo de Produção

Para a próxima safra 2021/22, os custos de produção de feijão em Santa Catarina deverão aumentar na comparação com a safra anterior. Os custos de produção estão pressionados pela valorização do dólar frente ao real e a elevação dos preços dos principais produtos agrícolas, refletindo no aumento das despesas com fertilizantes, agrotóxicos e demais insumos componentes dos custos.

Em abril deste ano, identificamos uma elevação de 42,7% no custo operacional do feijão. Enquanto em abril de 2020, o produtor desembolsou aproximadamente R\$ 3.227,70 por hectare, em abril de 2021 o desembolso é estimado em R\$ 4.604,81, em valores nominais absolutos, alta de R\$ 1.377,11 por hectare na

comparação anual. Analisando separadamente alguns dos componentes do custo de produção, verificamos que as sementes tiveram um aumento de 57,4% no ano, já os fertilizantes tiveram um aumento ainda maior, de 63,4%. Para a cesta de agrotóxicos utilizada no pacote tecnológico para a cultura, a elevação no custo foi de 14%, enquanto que os serviços mecânicos (operações com trator e equipamentos agrícolas), ficaram 37,7% mais caros.

Mesmo com um maior desembolso para semear a leguminosa, os preços do feijão atualmente praticados, ainda compensam a elevação do custo de produção. Identificamos melhor essa situação analisando a relação de troca entre produto e insumo. Enquanto em abril de 2020 eram necessárias 4,01 sacas de 60 kg do produto para adquirir uma cesta de agrotóxicos, em abril de 2021 esse custo reduziu para 3,21. Outro item que também melhorou na relação de troca foi as sementes, em abril 2020 para semear um hectare de lavoura, o produtor precisou desembolsar o equivalente a 4,01 sacos de feijão, enquanto que em abril de 2021, foi gasto o equivalente a 3,21 sacos de 60 kg de feijão, uma redução de aproximadamente 20,0%.

Safra Catarinense

Feijão 1ª safra

A colheita de feijão 1ª safra foi encerrada em Santa Catarina com produtividade média registrada em 1.694 kg/ha, ou seja, 3% menor do que a alcançada na safra passada. Nesta safra, a área plantada também apresentou uma redução de 8%. Os motivos já são conhecidos, no início da safra a estiagem que perdurou até a primeira quinzena de dezembro de 2020 prejudicou o desenvolvimento das lavouras de feijão em todo estado. Num segundo momento, a partir da segunda quinzena de dezembro até final de janeiro, o excesso de chuvas atingiu muitas lavouras no período de maturação e colheita. O resultado foi uma safra menor, com um volume de produção 11% inferior ao obtido na safra anterior.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	54	50	926	53	51	959	-2	2	4
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	6.500	12.772	1.965	-14	53	77
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	7.450	8.287	1.112	20	-43	-52
Chapecó	2.208	4.585	2.077	1.772	1.993	1.125	-20	-57	-46
Concórdia	411	642	1.562	385	245	635	-6	-62	-59
Criciúma	675	778	1.153	682	793	1.163	1	2	1
Curitibanos	4.780	8.505	1.779	4.310	10.146	2.354	-10	19	32
Florianópolis	12	7	542	15	15	1.000	25	114	85
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	930	1.650	1.774	-8	1	10
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.885	5.113	1.772	22	49	22
Rio do Sul	596	965	1.618	558	927	1.662	-6	-4	3
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	600	643	1.072	0	-46	-46
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	775	992	1.280	-6	-41	-37
Tabuleiro	376	451	1.200	371	370	997	-1	-18	-17
Tijucas	166	172	1.033	180	219	1.214	8	27	18
Tubarão	773	963	1.246	767	958	1.249	-1	0	0
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	4.844	10.845	2.239	-34	-28	10
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	33.077	56.019	1.694	-8	-11	-3

Fonte: Epagri/Cepa (SC), junho/2021.

Feijão 2ª safra

A colheita do feijão 2ª safra alcançou até a primeira semana de junho 56,2% da área destinada ao plantio. Nas MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, assim como na de Ituporanga e Rio do Sul, a colheita já está

tecnicamente encerrada. Para as MRG's de Chapecó e Xanxerê, a operação de colheita já ultrapassa 50% da área plantada. Também já chegou a 50% de colheita as áreas cultivadas nas MRG's da região Sul, que compreende Tubarão, Araranguá Criciúma.

Quanto à condição de lavoura, em comparação ao mês anterior, a falta de chuvas prejudicou seriamente o desenvolvimento das lavouras. Até a primeira semana de junho, 46,0% das lavouras apresentou condição boa, 30,0% foi considerada em condição média e 24,0 % em condição ruim.

Com isso tivemos um aumento nas nossas estimativas para o feijão 2ª safra. A expectativa até o momento é que sejam cultivados cerca de 16,5 mil hectares, um crescimento de 7% em relação à safra anterior. A produtividade média deverá crescer cerca de 23%. Com isso, a produção poderá chegar a 41,3 mil toneladas, crescimento de 31% em relação ao volume colhido na safra passada.

Em nossas estimativas de maio, realizamos alguns ajustes nas áreas cultivadas com feijão 2ª safra. É importante destacar que os preços excepcionais pagos ao produtor, aliado ao encurtamento da janela de plantio dessa safra, em função do atraso nas culturas de primeira safra, fizeram com que muitos produtores optassem pelo cultivo do feijão.

Assim, chegamos a cerca de 27,6 mil hectares destinados ao plantio de feijão 2ª safra. Com a evolução das operações de colheita, o rendimento médio observado tem demonstrado um incremento de 3% em relação à safra 2019/20, chegando a 1.307 kg/ha. Com essa produtividade, a expectativa é que a produção seja superior em 15%, devendo alcançar 36,1 mil toneladas.

Tabela 3. Feijão 2ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	602	368	611	602	363	603	0	-1	-1
Canoinhas	1.220	951	780	3.580	3.065	856	193	222	10
Chapecó	2.294	3.322	1.448	3.007	4.970	1.653	31	50	14
Concórdia	85	170	2.000						
Criciúma	2.416	1.707	707	1.010	700	693	-58	-59	-2
Ituporanga	1.265	1.331	1.052	1.070	1.231	1.150	-15	-8	9
Rio do Sul	521	445	855	468	489	1.044	-10	10	22
São Bento do Sul	60	39	650	150	110	733	150	182	13
São M. do Oeste	2.065	2.058	997	1.681	1.778	1.057	-19	-14	6
Tubarão	1.181	780	661	1.181	773	655	0	-1	-1
Xanxerê	13.005	20.287	1.560	14.865	22.620	1.522	14	11	-2
Santa Catarina	24.714	31.459	1.273	27.614	36.098	1.307	12	15	3

Fonte: Epagri/Cepa (SC), junho/2021.

Milho

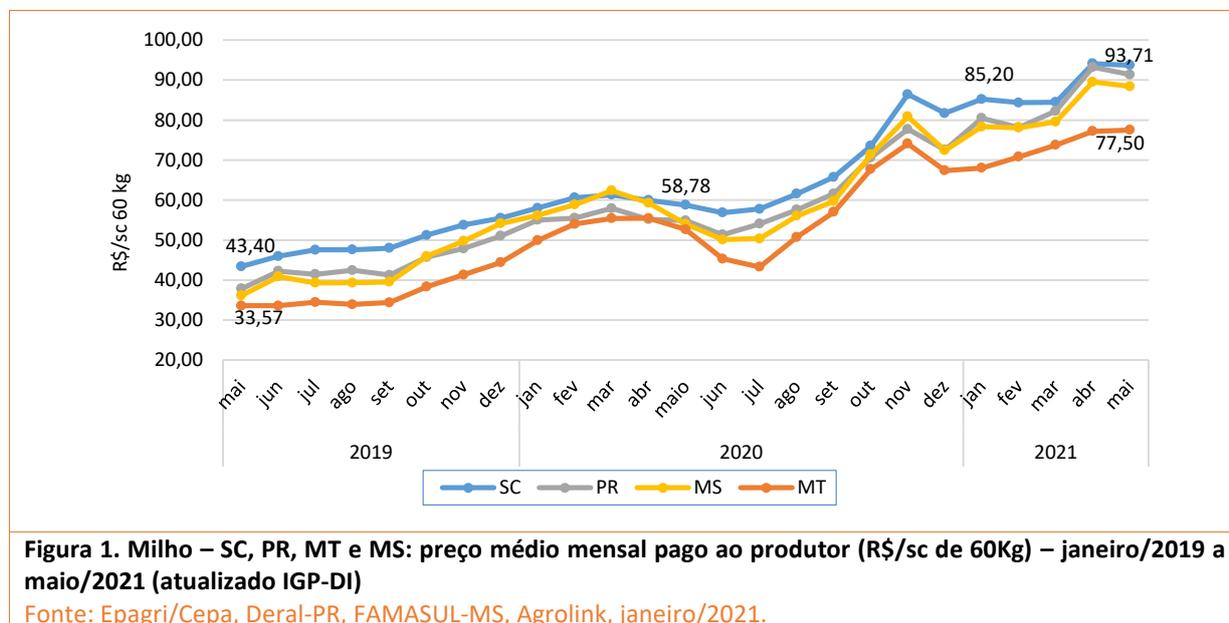
Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina os preços do milho se mantêm em patamares elevados, com a cotação ao produtor sendo de R\$ 93,71/sc na média mensal de maio (Figura 1). Nos demais estados, os valores estão se estabilizando, com a expectativa do período de colheita. **Entre os fatores que continuam influenciando a alta** dos preços estão o fator climático para a segunda safra no Brasil que já afeta de maneira significativa o potencial da produção, o também risco climático da safra dos EUA e a demanda da China pelo cereal. **Como fatores que podem influenciar na baixa** estão a melhora do clima da safra atual nos Estados Unidos, a desvalorização do dólar e o volume das importações no primeiro semestre e, o movimento da Bolsa de Chicago.

- A paridade das importações de milho da Argentina e Paraguai poderá servir como ancora dos preços internos. A liberação das importações de milho dos EUA¹ pode ser um fato relevante para indústria de proteína animal.

- Os preços devem apresentar fortes oscilações no próximo mês, com recuo até julho, quando entra a segunda safra, que representa cerca de 70% do total da produção. Além de fatores externos que impactam no mercado, pressionando os preços das commodities. As cotações diárias já indicam este movimento desde maio, no dia 17 de maio estava R\$98,00/sc, em 17 de junho registra R\$82,50/sc, recuo superior a 18% em trinta dias.²



¹ Sinal verde para importação de milho dos EUA a partir de julho. Novas aprovações do CTNBio...Valor Econômico, 16.06.2021.

² Epagri/Cepa: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercado-agricola/Precos-agricolas-diario-Junho-2021/>

Preços

A série de preços ao produtor, nominais e reais, está apresentada na Figura 2. A correção dos preços é realizada pelo IGP-DI³, que no ano acumula alta de 14,14% e nos últimos 12 meses o índice está em 36,54%. Considerando o preço nominal do milho nos últimos 12 meses (de maio de 2020 a maio 2021), a alta foi superior a 117%. Quando relacionamos os preços corrigidos no mesmo período, a alta está em 59,4%, valor que desconta a inflação no período.

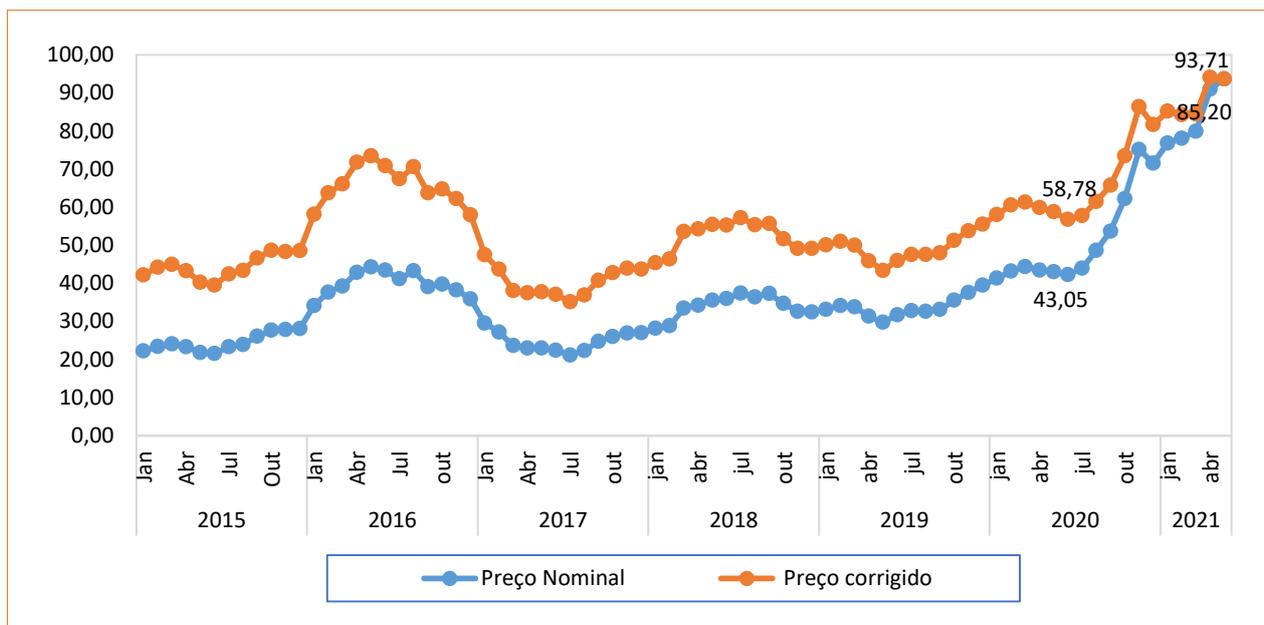


Figura 2. Santa Catarina – Evolução da relação de equivalência de preços ao produtor entre milho e soja – 2010 a 2021

Fonte: Epagri/Cepa, maio /2021.

Custo de Produção 2021

O custo de produção agrícola é uma ferramenta de controle e gerenciamento das atividades produtivas para subsidiar a tomada de decisão pelos produtores. A Epagri/Cepa estima o custo de produção de milho para alta e média tecnologia. Embora, cada produtor tenha seu próprio custo em função dos fatores de produção de que dispõe. Segundo a Epagri/Cepa o custo de produção de milho para alta tecnologia, de abril de 2020 para abril de 2021 teve uma elevação de 31,1%. O custo de produção de milho por hectare está em R\$7.236,00, valor atualizado em abril/2021 (Figura 3). Dentre os itens que mais contribuíram na composição do custo de produção foram os insumos, que participaram com cerca de 60% do total, base de abril de 2021. Contudo, os preços do milho tiveram alta superior à elevação dos custos (Figura 2) no período, o que confere uma margem bruta maior na projeção dos custos operacionais e valor do produto, considerando os preços atuais⁴ (base abril de 2021).

³ O Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), medido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), foi concebido no final dos anos de 1940 para ser uma medida abrangente do movimento de preços. Ele registra a alta de preços desde matérias-primas agrícolas e industriais até bens e serviços ao consumidor final.

⁴ <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/custos-de-producao/>

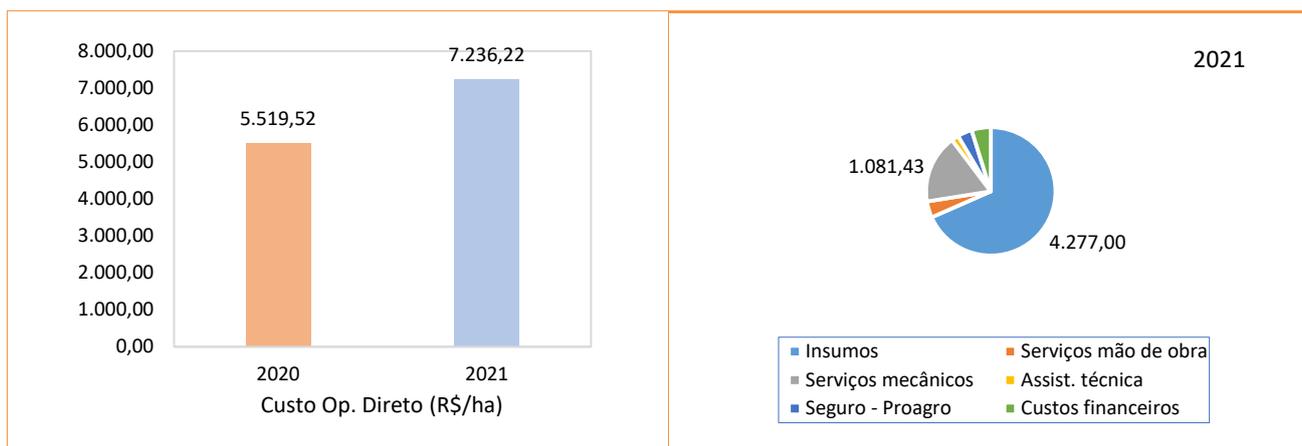


Figura 3. Milho – Custo Operacional Direto (R\$/ha) – 2020 e 2021 – (Base de preços dos insumos levantados em abril de cada ano)

Fonte Epagri/Cepa.

Acompanhamento da safra 2020/2021 em Santa Catarina

A irregularidade climática e a ocorrência de fatores biológicos marcam a atual safra. A estiagem prolongada ocorrida em setembro e outubro de 2020 e o ataque de cigarrinha com o e complexo de doenças associado no início de 2021, ocasionaram perdas superiores a 32% na produção esperada. Nas últimas oito safras acompanhadas pela Epagri/Cepa, a produção do estado foi em média 2,9 milhões de toneladas (MT). Nesta safra, segundo a estimativa atual, a produção está em 1,83 MT, cerca de 37% inferior à média da produção no período. A área cultivada com milho grãos na primeira safra está estabilizada nas últimas quatro safras, em torno de 320 mil hectares (Figura 4). O acompanhamento de safra, realizado pela Epagri/Cepa, atualiza mensalmente as informações da área, produção e rendimento de milho em cada município que compõe as estimativas regional e estadual (Infoagro, 2021). Até o fechamento da safra, em junho, os números poderão sofrer alterações.

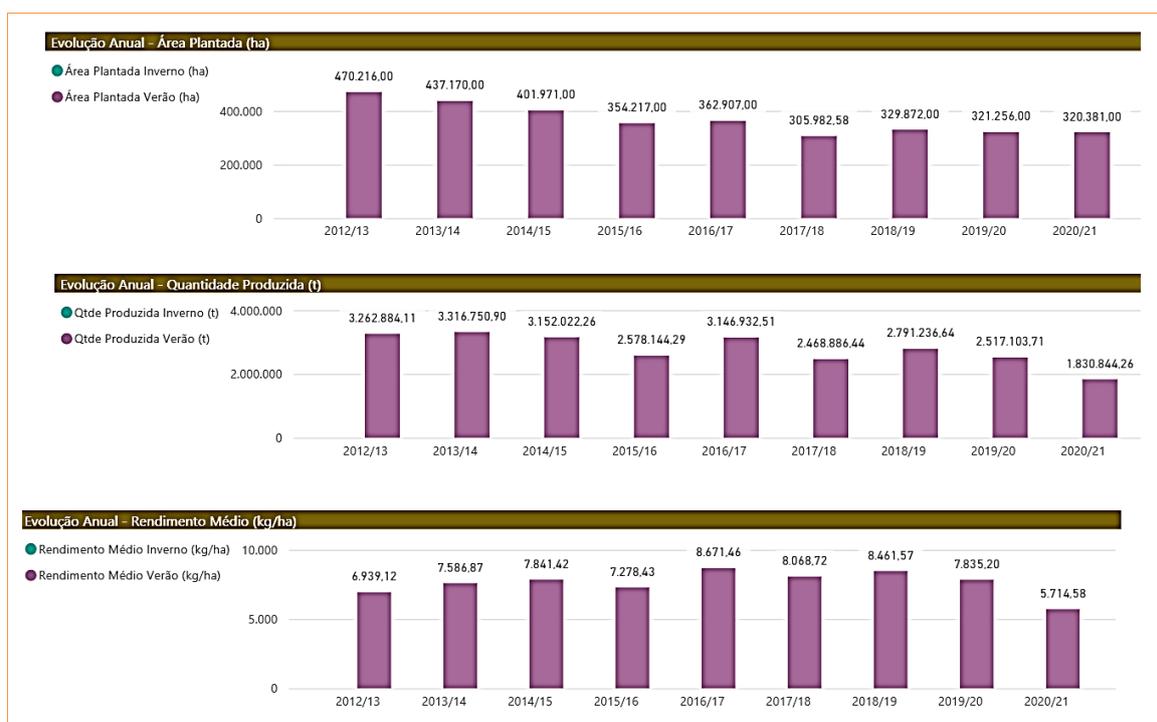


Figura 4. Milho – Santa Catarina: área, produção e rendimento – 2012/13 a 2021

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, maio/2021.

Importações - Brasil

A quantidade de milho importada por Santa Catarina de janeiro a maio de 2021 foi cerca de 6 vezes superior ao mesmo período do ano de 2015 (Figura 5). A produção brasileira de milho na primeira safra está estagnada em 25 milhões de toneladas e não consegue mais abastecer o consumo interno no primeiro semestre. Com o consumo interno em elevação, as importações do Brasil no primeiro semestre de 2021 deverão ultrapassar a um milhão de toneladas. No acumulado até maio está em 820 mil toneladas.

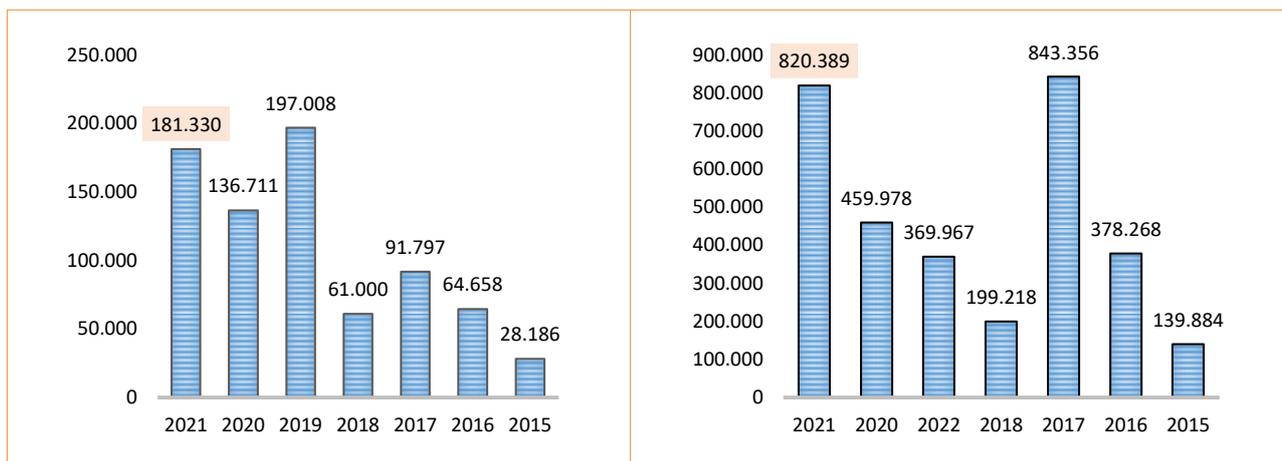


Figura 5. Milho – Brasil: exportações e Importações – 2018-21 (mil toneladas)

Fonte ME, ComexStat (junho, 2021). Elaboração Epagri/Cepa.

Estimativas da Safra Nacional de milho

A Conab aponta no relatório de junho para uma redução de 6% da produção em relação à safra anterior. A produção esperada está em 96,39 milhões de toneladas (MT). O consumo interno permanece em 72 MT. O suprimento interno poderá estar comprometido se os volumes de exportações superarem a 30 MT no ano. Maior volume de importações será necessário.



Mercado Mundial⁵

O mercado global de milho é abastecido principalmente por quatro países - Argentina, Brasil, Ucrânia e os Estados Unidos. Combinados, esses países respondem por quase 90% das exportações globais. As exportações dos EUA deverão aumentar no ano, o que reflete a forte demanda externa e a oferta limitada na Ucrânia e Brasil. As exportações de milho dos EUA têm previsão de alta 3,0 milhões de toneladas (MT), totalizando 73,0 milhões para 2020/21 (outubro-setembro). Se realizado, o volume será o maior da história. Já, a China se tornará o maior importador mundial de milho em 2021 com cerca de 30 MT. Segundo o mesmo relatório, o Brasil deverá importar mais de 2,5MT.

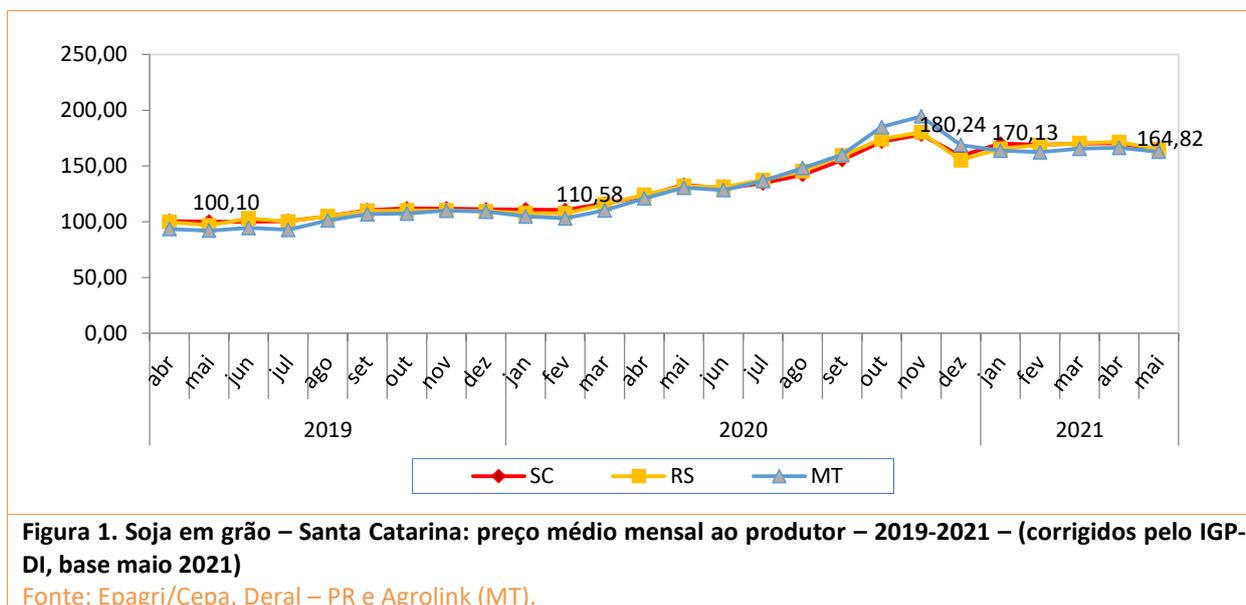
⁵ USDA, Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 27 June 2021.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços se mantêm firmes em Santa Catarina desde outubro de 2020, quando superaram a marca de R\$170,00/sc (valor corrigido IGP-DI). No primeiro trimestre as cotações se mantêm em patamar elevado, mesmo em plena colheita da safra brasileira. Em maio, o preço ao produtor foi de R\$164,82 em Santa Catarina. Os preços praticados nos diferentes estados analisados estão próximos desde o início do ano (Figura 1).



Preços comparativos da soja

Os preços elevados em maio no mercado internacional foram influenciados pela forte demanda chinesa, pelos baixos estoques mundiais e o comportamento climático do início das novas safras dos EUA e da China. O câmbio (relação real/dólar), explica boa parte das elevações e oscilações no mercado interno em 2020 e início de 2021. Os preços da soja registraram valores recordes em dólar, alcançando o patamar de US\$34,55/buschel e R\$ 183,02/sc no dia 27/05/2021 (Figura 2). Estes são os maiores valores da série desde 2015 (Esalq/BM&FBOVESPA – Paranaguá)⁶. No entanto, há um recuo dos preços no final de maio de 2021 para US\$33,1/sc, confirmado após o relatório do USDA em 10 de junho. A melhora do clima no desenvolvimento da safra americana e a elevação dos estoques justificam este movimento. A expectativa de queda do dólar para próximo de R\$5,00 está impactando nas cotações internas da oleaginosa no Brasil na primeira quinzena de junho. Dia 1º de junho a saca estava cotada a R\$157,00 e, dia 17 de junho á R\$149,00 (Praça referência Chapecó), com tendência de baixa nos próximos dias.

Contudo, nos últimos 12 meses (preço médio maio de 2020 a maio de 2021), as cotações dos preços da soja registraram elevação em cerca de 39% no período. Cenário atual dos preços é de baixa.

⁶ Produto posto no porto de Paranaguá, estado do Paraná, nas condições DAP (Delivered at Place) no pátio ou FAS (Free Alongside Ship) em armazéns/silos que efetuem carregamento de navios via corredor de exportação no porto de Paranaguá;

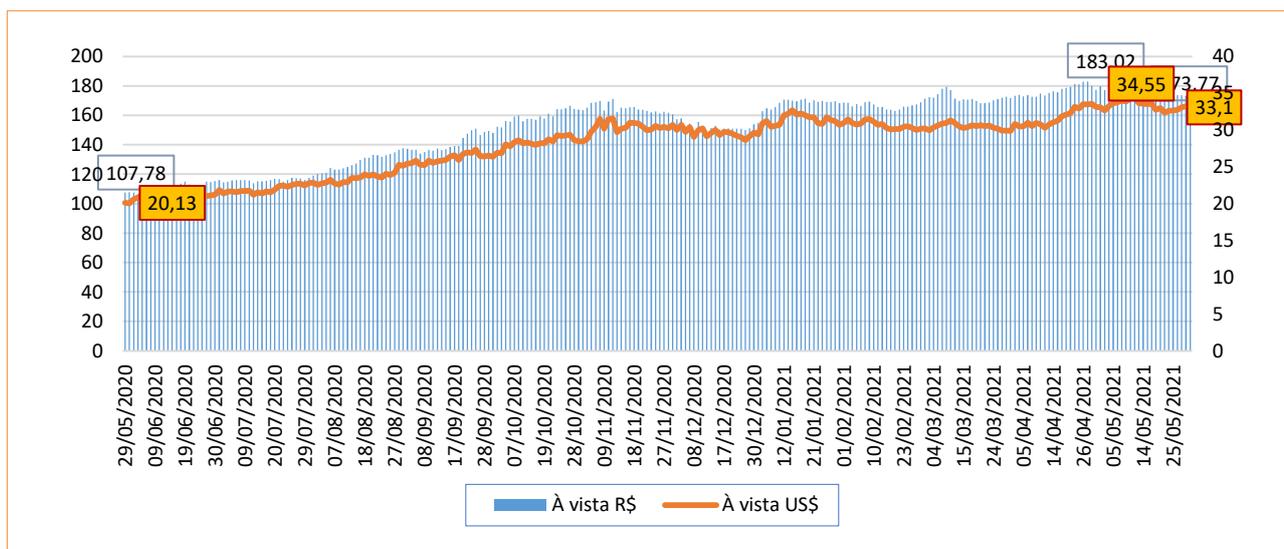


Figura 2. Soja em grão – Indicador da soja Esalq/BM&FBOVESPA – Paranaguá – (Em reais e dólar americano)

Fonte: Esalq/Cepea.

Elaboração Epagri/Cepa – Soja em grão a granel tipo exportação posto em Paranaguá.

Acompanhamento Safra 2020/21 em Santa Catarina

Na safra, cuja colheita está finalizando (2020/21), houve uma estimativa de aumento de 11,3 mil hectares na produção de soja no estado, o que representa 1,65% de elevação em relação à safra anterior. Isto reflete a tendência de elevação contínua da área cultivada de soja em Santa Catarina. Desde 2012/13 até a atual safra houve um aumento de 178 mil hectares, o que representa cerca de 34% de incremento da área. A produtividade média nas últimas cinco safras foi de 3.500 kg/ha, no entanto, nas últimas duas o rendimento foi inferior, refletindo problemas climáticos, em especial a estiagem no início da safra, que atrasou o plantio em várias regiões.

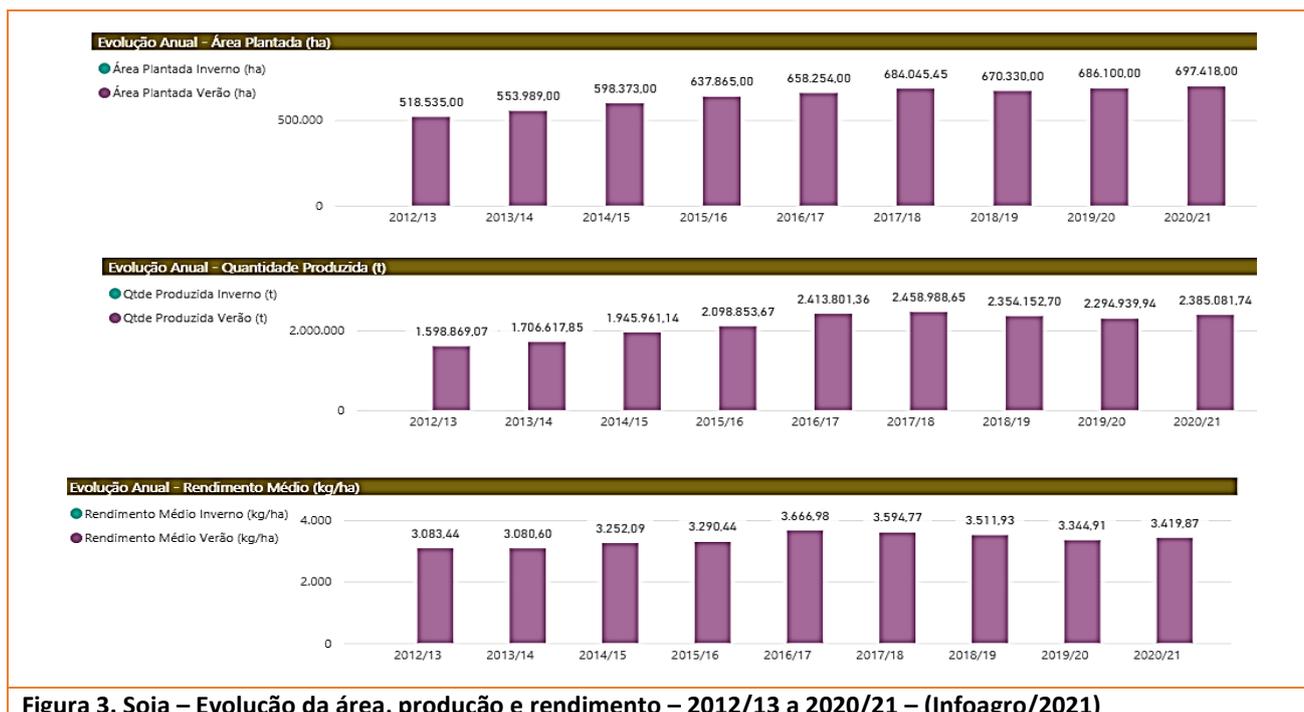


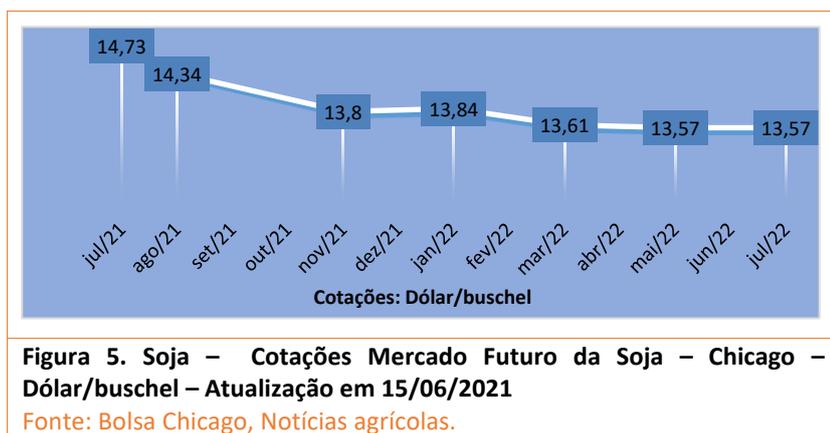
Figura 3. Soja – Evolução da área, produção e rendimento – 2012/13 a 2020/21 – (Infoagro/2021)

Cenário Nacional da Safra 2020/21⁷



A última estimativa para a safra 2020/21 (relatório de junho, 2021) é de crescimento da área plantada da oleaginosa, alcançando 38,5 milhões de hectares, o que representa um aumento de 4,2% em comparação à safra anterior (Figura 4). A estimativa da produção do relatório de junho da CONAB está em 135,86 milhões de toneladas, 8,8% superior a safra 2019/20.

Mercado Futuro.



As cotações em 15 de junho apontam uma diferença significativa entre os preços atuais e os de contratos futuros para vencimentos no segundo semestre de 2022. O mercado mundial está se ajustando a possíveis aumentos de estoques do produto soja. As notícias de que o governo dos Estados Unidos está considerando permitir uma redução das misturas obrigatórias de biocombustíveis às refinarias norte-americanas, pressionaram as cotações do óleo de soja nos EUA⁸ e do óleo de palma na Malásia. O que, por sua vez, resultou nas quedas dos preços futuros de óleos vegetais negociados nas bolsas chinesas. Além disto, a melhora nas condições da safra dos EUA foi mais um fator de queda das cotações internacionais.

Exportações de soja – Santa Catarina

As exportações de soja por Santa Catarina tiveram uma evolução diferenciada em 2020 e 2021. Em maio do corrente ano, a soja está entre as duas principais pautas de exportações da agropecuária catarinense junto com o item carne de frango (ME - Comex Stat, 2021). Em maio de 2020 foram embarcadas 288 mil toneladas, contra 377 mil toneladas, neste mês de 2021. Este resultado torna-se ainda mais expressivo considerando que o ritmo das exportações este ano está atrasado quando comparado ao ano anterior, já que no acumulado de janeiro a maio de 2020 foram exportadas 1,2 milhão de toneladas e, em 2021, apenas 771 mil toneladas no mesmo período. Contudo, o valor das exportações por tonelada em 2021, em média, nos primeiros cinco meses de 2021, está em US\$ 423,93/toneladas, enquanto em 2020 o valor estava em US\$ 338,42, ou seja, cerca de 25% superior na atual safra, refletindo a alta dos preços no mercado internacional (Figura 6).

⁷ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº9 – nono levantamento | junho 2021.

⁸ Preços de óleos vegetais na China despencam após notícia sobre biocombustível nos EUA. Reuters. Economia (15.06.2021 08:50).

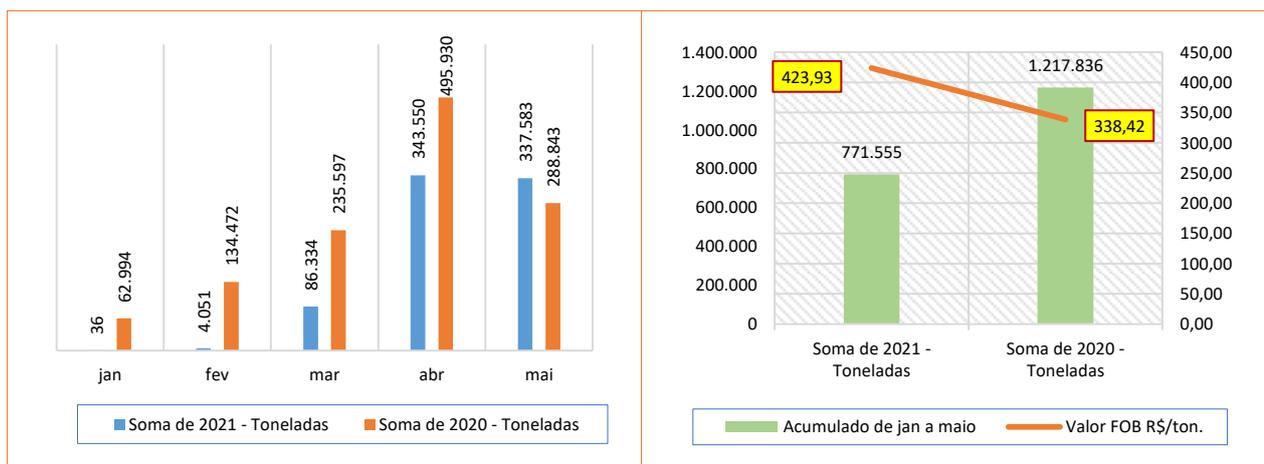


Figura 6. Soja – Evolução das exportações mensais por Santa Catarina 2020 e 2021 (esquerda), exportações acumuladas de janeiro a maio (toneladas) e valor R\$/t no período de janeiro a maio 2020 e 2021

Fonte: ME. Comex Stat. <http://comexstat.mdic.gov.br>. Elaboração Epagri/cepa.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de maio, para o mercado catarinense, as cotações no mercado de balcão (valor pago ao produtor) para a saca de 60kg de trigo tiveram variação positiva de 2,68% em relação a abril. No mercado paranaense, foi registrado queda nos preços de 1,63%, enquanto que no mercado gaúcho, alta de 4,48%.

A variação anual de preços no mercado catarinense, foi 68,2% superior ao preço médio praticado em maio de 2020. Durante o mês de maio a procura pelo cereal por parte dos compradores, foi muito baixa. Os moinhos seguem abastecidos e a demanda do mercado consumidor não tem apresentado reação. Em função da alta valorização do milho, apenas o farelo de trigo apresentou aumento no volume de vendas.

Com um volume de trigo insuficiente para atender toda demanda até a colheita da próxima safra, as importações são inevitáveis. Com a desvalorização do dólar frente ao real registrada em maio, as importações de trigo argentino se tornaram mais atrativas, aspecto que poderá influenciar nas cotações do trigo para os próximos meses.

Segundo o relatório de maio do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - USDA/Wasde, sobre o abastecimento mundial da agricultura e estimativas de demanda, a perspectiva inicial para a safra 2021/22 do trigo Norte Americano é de suprimentos menores, maior consumo doméstico, exportações mais baixas e estoques reduzidos. Em relação à safra passada, é esperado um aumento de 3% na área plantada.

Em relação aos preços, o relatório do UDSA aponta que para a safra 2021/22, o preço médio projetado para a temporada é de US\$ 6,50 por bushel, o que representa um aumento de 28,7% em relação ao praticado na temporada passada. Para os contratos futuros do trigo de primavera, a cotação alcançou US\$ 8,43 por bushel, o que representou o maior valor em oito anos. Contribui para essa alta a falta de chuvas, que fez com que a classificação de condição de lavoura ficasse em apenas 38% em condição boa ou excelente. Além disso, a forte valorização nas cotações internacionais dos grãos de verão, fez com que muitos agricultores do cinturão do trigo da primavera, preferissem plantar soja e, principalmente, milho.

Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Mai/21	Abril/21	Variação mensal (%)	Mai/20	Variação anual (%)
Santa Catarina	85,73	83,49	2,68	50,97	68,20
Paraná	85,85	87,27	-1,63	60,13	42,77
Mato Grosso do Sul	85,25	85,30	-0,06	58,69	45,25
Goiás	97,00	97,25	-0,26	62,14	56,10
Rio Grande do Sul	83,97	80,37	4,48	52,76	59,15

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), junho/2021.

Custo de Produção

Para a próxima safra, o custo de produção do trigo aumentou 45% em Santa Catarina. Em abril desse ano, o custo operacional de produção do cereal foi de R\$ 4.827,41/ha, frente aos R\$ 3.317,20/ha desembolsados em abril do ano passado. Sementes, adubos e defensivos agrícolas, principais itens na composição do custo, e que juntos respondem por 54,5% do custo operacional total, foram os que mais pesaram. As sementes tiveram um aumento, em valores absolutos, de R\$ 271,96/ha, já o desembolso com a compra de fertilizantes aumentou R\$ 536,11/ha e, para a compra da cesta de agrotóxicos utilizados durante todo ciclo da cultura, o aumento foi de R\$ 42,74/ha.

Com muitos insumos sendo reajustados de acordo com a variação da cotação do dólar, analisar custos é fundamental na hora de decidir o quanto, onde e quando plantar. Neste sentido, a relação de troca, pode auxiliar o produtor na tomada de decisão, trata-se de um indicador que mensura a capacidade de compra de um insumo com a receita apurada na venda do produto, ou seja, a quantidade de produto agrícola necessário para a aquisição de um determinado insumo.

Para a cultura do trigo, enquanto em abril de 2020 eram necessárias, 4,47 sacas de 60 kg de trigo (PH78) para adquirir uma cesta de agrotóxicos, em abril de 2021, 3,01 sacas foram suficientes, uma diminuição de 31,1% (1,36 saca a menos). Uma significativa melhora na relação de troca, ainda mais quando verificamos que o preço recebido pelos produtores pela saca de 60 kg do cereal passou de R\$ 47,70 em abril de 2020, para R\$ 83,49 em abril de 2021, aumento nominal de 75%. Em resumo, mesmo com um maior desembolso para semear o cereal, os preços do trigo atualmente praticados ainda compensam a elevação do custo de produção.

Safra

Para a próxima safra, dados da Conab atualizados em maio, indicam que haverá uma variação positiva de 8,1% na área plantada, passando de 2.342 mil hectares cultivados na safra 2020/21, para uma estimativa de 2.530 mil hectares na safra 2021/22. Também é esperado um incremento na produtividade média de 3,0%, resultando numa produção 11,3% superior a alcançada na safra anterior, passando de 6,23 milhões de toneladas, para uma estimativa de 6,94 milhões de toneladas do grão.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo área, produtividade e produção 2020 e 2021

Região	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 2020	Safra 2021	Var. %	Safra 2020	Safra 2021	Var. %	Safra 2020	Safra 2021	Var. %
Nordeste	3	3	0,0	5.700	5.700	0,0	17	17	0,0
Centro-Oeste	58	79	36,2	3.224	3.547	10,0	186	279	49,9
Sudeste	172	172	0,0	2.917	2.854	-2,2	501	491	-1,9
Sul	2.109	2.277	7,9	2.622	2.704	3,1	5.531	6.155	11,3
Brasil	2.342	2.530	8,1	2.663	2.744	3,0	6.235	6.942	11,3

Fonte: Conab, junho/2021.

Em Santa Catarina, nossas estimativas iniciais apontam para um incremento bem superior ao observado na safra nacional. Para a nova safra 2021/22 é esperado um aumento de 38% na área de cultivo. Em todas as regiões produtoras devemos ter aumento na área semeada com trigo. Em relação ao plantio desta safra, em todo estado, cerca de 5,4% de toda área destinada ao plantio de trigo já foi semeada. Para as plantas que estão à campo, a condição de lavoura é considerada boa.

Os maiores incrementos percentuais de plantio estão nas Microrregiões Geográficas de Rio do Sul e Ituporanga que juntas responderam por apenas 3% da área e 2% da produção estadual nesta safra. Para estas MRG's, até o final da primeira semana de junho, as operações de semeadura evoluíram significativamente, alcançando 35% da área de plantio do cereal.

As MRG de Canoinhas, Chapecó, Curitibanos e Xanxerê apresentaram incrementos importantes. Para a nova safra, a produção destas MRG's responde por 79% da produção e 78% da área plantada no estado. Em relação à evolução do plantio, nas MRG de Canoinhas, Chapecó e Xanxerê, a semeadura do trigo já chega a 5% da área e nas MRG's de Curitibanos, Joaçaba e Campos de Lages deve iniciar a partir da segunda quinzena de junho. Para a MRG de São Miguel do Oeste, o plantio já chega a 20% da área.

Os fatores mais importantes para o aumento na intenção de plantio pelos produtores são: a) alta nas cotações do dólar, o que inibe a aquisição de trigo importado; b) preços pagos ao produtor elevados, c) redução dos estoques dos moinhos, levando compradores a adquirir novos lotes do produto; d) melhor

utilização dos componentes do custo de produção, como máquinas e mão de obra; e) melhoria nas condições de solo para o plantio direto de culturas de verão.

Também não podemos deixar de registrar que através da Secretaria de Estado da Agricultura, Pesca de Desenvolvimento Rural - SAR, o governo do estado está investindo R\$ 5 milhões para apoiar os produtores que apostarem no cultivo de cereais de inverno, com destaque para o trigo, o triticale, o centeio e a cevada. O projeto prevê a concessão de uma subvenção de R\$ 250,00 por hectare efetivamente plantado com cereais de inverno, cujo destino da produção seja a fabricação de rações, num limite de 10 hectares por produtor. A intenção da SAR é ampliar em 20 mil hectares a área estadual cultivada com cereais de inverno já nesta safra.

Tabela 3. Trigo grão – Comparativo entre as safras 2020/21 e estimativa inicial 2021/22

Microrregião	Safrá 2020/21			Estimativa Inicial Safrá 2021/22			Variação (%)			Participação (%) safrá 2021/22	
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Quant. Prod.	Rend. Médio	Área	Produção
Campos de Lages	634	1.285	2.027	897	2.148	2.395	41	67	18	1%	1%
Canoinhas	13.300	46.780	3.517	16.900	61.260	3.625	27	31	3	21%	23%
Chapecó	13.493	35.785	2.652	16.700	46.831	2.804	24	31	6	21%	18%
Concórdia	1.121	3.355	2.993	1.770	6.357	3.592	58	89	20	2%	2%
Curitibanos	9.040	29.212	3.231	13.400	56.250	4.198	48	93	30	17%	21%
Ituporanga	781	2.032	2.601	1.532	3.962	2.586	96	95	-1	2%	1%
Joaçaba	3.987	9.779	2.453	5.901	22.078	3.741	48	126	53	7%	8%
Rio do Sul	250	605	2.420	700	1.725	2.464	180	185	2	1%	1%
São Bento do Sul	700	2.310	3.300	1.070	3.798	3.550	53	64	8	1%	1%
São M. do Oeste	4.595	11.870	2.583	6.640	18.325	2.760	45	54	7	8%	7%
Xanxerê	10.531	29.065	2.760	15.075	44.424	2.947	43	53	7	19%	17%
Santa Catarina	58.432	172.079	2.945	80.585	267.158	3.315	38	55	13	-	-

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2021.

Previsão Climática

Segundo o INMET, para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas abaixo da média climatológica em praticamente toda a Região Sul, **principalmente no leste de Santa Catarina e nordeste do Rio Grande do Sul**, porém existe a possibilidade de ocorrência de alguns eventos de chuvas intensas em algumas áreas dos três estados.

A temperatura do ar próxima à superfície deverá prevalecer acima da média em grande parte da região, porém existe a possibilidade de ocorrência de dias com queda de temperatura associados à passagem de sistemas frontais pelo interior do continente. No trimestre (J/J/A), a previsão indica o predomínio de baixos valores de excedentes hídricos para o solo em praticamente toda Região Sul.

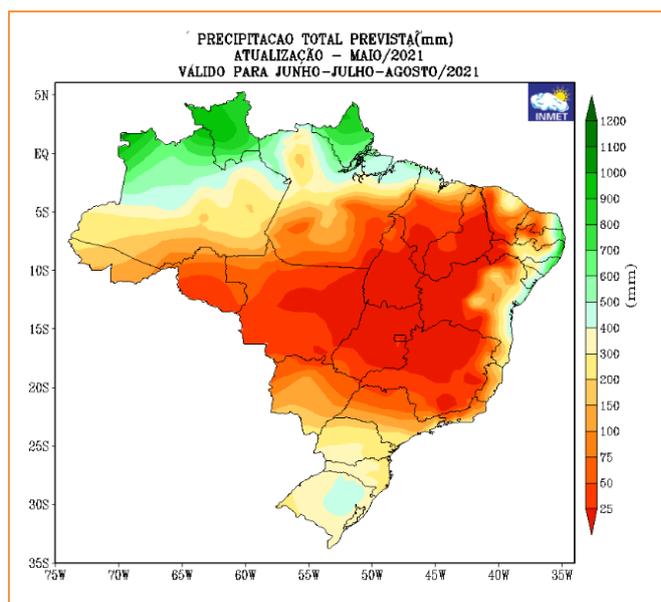


Figura 1. Clima Brasil – Previsão de precipitação – junho, julho e agosto/2021

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), junho/2021.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

O estado de Santa Catarina é pioneiro na produção comercial de alho no Brasil e atualmente ocupa a terceira posição no *ranking* nacional com produção com 14.700 toneladas na safra 20/21. A safra apresentou alta porcentagem de bulbos de calibre menor (bulbo indústria, classe 2, 3 e 4, com diâmetro de 37 a 42 mm) cujo valor de mercado é menor. Cabe ressaltar também que o produtor catarinense acumulou algumas perdas de produção provocadas pela ocorrência de estiagem e granizo em alguns municípios das principais regiões produtoras, como Joaçaba e Caçador.

A produção catarinense de alho se caracteriza por ser realizada, em sua maior parte, por produtores familiares em pequenas áreas e uso intenso de mão-de-obra própria ou contratada, fazendo dessa uma cultura importância socioeconômica para o estado em função de seu papel de impulsionar as dinâmicas econômicas locais nos municípios produtores.

Segundo o IBGE (2017) são pouco mais de 3.600 estabelecimentos que produzem a hortaliça em Santa Catarina, cuja área média é de aproximadamente 0,5 ha. Nesse sentido, acentua-se a importância do papel do Estado e da representação da cadeia produtiva enquanto agentes articuladores de possíveis alternativas em políticas públicas para que a cadeia produtiva da cultura possa continuar com relativa importância na produção nacional. Esta questão se torna mais relevante especialmente pela forte expansão da produção que vem ocorrendo nos estados do centro do país como Minas Gêrias e Goiás.

Dessa forma, os esforços que a Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa) vem desenvolvendo com o objetivo de buscar alinhamento de trabalho para o desenvolvimento da cultura do alho no país é um ótimo momento para que Santa Catarina amplie sua participação no protagonismo de possíveis avanços para a cultura. A Anapa criou um conselho de pesquisa sobre os desafios da cadeia produtiva com foco nos principais problemas da produção em cada estado. O conselho visa aproximar a Associação e Instituições públicas de pesquisa para identificar de modo a apontar soluções para problemas técnico-produtivos enfrentados pelos produtores em relação a doenças e pragas de solo, parte aérea e manejo.

O projeto envolverá a participação de quadros técnicos da Anapa e Associações estaduais como a Acapa/SC, bem como de instituições como: Embrapa, Epagri, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

No caso de Santa Catarina, a câmara setorial do alho vinculada ao CDRural – Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, pode exercer papel estratégico nos debates e estudos para a busca de soluções aos desafios da cadeia produtiva em nosso estado.

Preço

Em maio, no mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado, na primeira semana a R\$17,68/kg, aumento de 8,53 em relação ao início do mês de abril e fechando o mês a R\$17,28/kg, redução de 2,26% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$18,91/kg para R\$18,39/kg, representando redução de 2,74%, e o alho classe 7 fechou abril ao valor de R\$21,64/kg, redução de 1,95% no mês.

Na primeira semana de junho os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram redução de preço em relação ao final do mês de maio, com variação para o alho classe 5 de 2,95%, de 0,73% para o classe 6 e de 2,26% para o alho classe 7.

O alho argentino fechou o mês de maio com preço de R\$16,51/kg, R\$17,53/kg e R\$18,53/kg para as classes 5, 6 e 7, significando aumento de 12,11%, 11,30% e 10,69% respectivamente em relação ao final do mês de abril.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, em maio o alho nobre nacional se manteve com preços estáveis durante todo o mês, sendo o alho classes 4 e 5, iniciou e fechou o mês a R\$15,00/kg, enquanto o alho classes 6 e 7 permaneceu em R\$17,50/kg.

Em relação a comercialização da safra catarinense 2020/2021, como registrado nos boletins anteriores, o ritmo foi lento e se estendeu por um período maior que nos anos anteriores. Segundo informantes da Epagri/Cepa, ainda resta a ser comercializado entre 3 e 5% da produção estadual. Em relação aos preços pagos ao produtor, de acordo com a Epagri/Cepa, no mês de maio, na praça de referência de Joaçaba o alho classe 5, o preço pago ao produtor foi de R\$8,50/kg, mesmo preço do mês de abril.

Produção

As expectativas se voltam para as estimativas iniciais de produção para a safra 2021/22 cujo levantamento de campo foi concluído pela Epagri/Cepa no final de maio. Dessa forma, a Epagri/Cepa e a Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural farão o lançamento oficial da estimativa inicial de produção das safras de inverno, dentre as quais o alho. Em Santa Catarina estão sendo plantados 1.716 ha, aumento de 1,72% em relação a safra passada, quando foram plantados 1.687 ha. Em relação à produtividade a estimativa é de que em condições normais de clima, o estado deverá alcançar produção média de 10.183 kg/ha, aumento de 17,66% em relação à safra 20/21.

Outros aspectos e preocupações dos produtores dizem respeito à elevação do custo de produção para esta safra que gira entorno de 13 a 15% em relação à safra passada e a baixa disponibilidade de água para irrigação que persiste devido a prolongada estiagem que ainda não permitiu a recuperação plena dos mananciais e reservatórios nas regiões produtoras.

Comércio exterior

Em maio de 2021 foram importadas 17,71 mil toneladas, o maior volume para o mês dos últimos cinco anos, sendo volume 21,13% maior que em abril. Nos primeiros cinco meses desse ano, as importações somam 72,43 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 83,12 mil toneladas, portanto redução de 12,86% comparativamente no período, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a maio/2021 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	-	-	-	-	-	-	-	72,43

Fonte: Comexstat/ME: junho/2021.

O preço médio (FOB) do alho importado, em maio teve pequena recuperação em relação ao mês de abril, significando aumento de 2,30%. De qualquer forma, ainda é um preço que está distante do valor de maio de 2020 que foi de US\$1,75/kg, conforme exposto na figura 1.

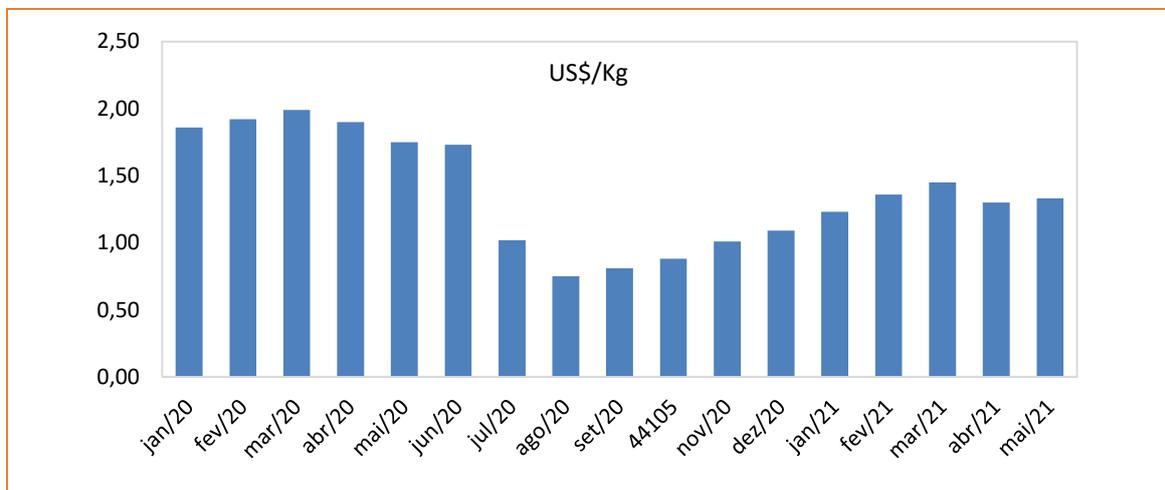


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan./2020 a maio/2021 (US\$/kg)

Fonte: ComexStat/ME: jun./2021.

Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal, pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a maio de 2021. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de maio/21 foi de US\$23,52 milhões (FOB), aumento de 23,79% em relação a abril, com volume importado de 17,71 mil toneladas, crescimento de 21,05% no mesmo período.

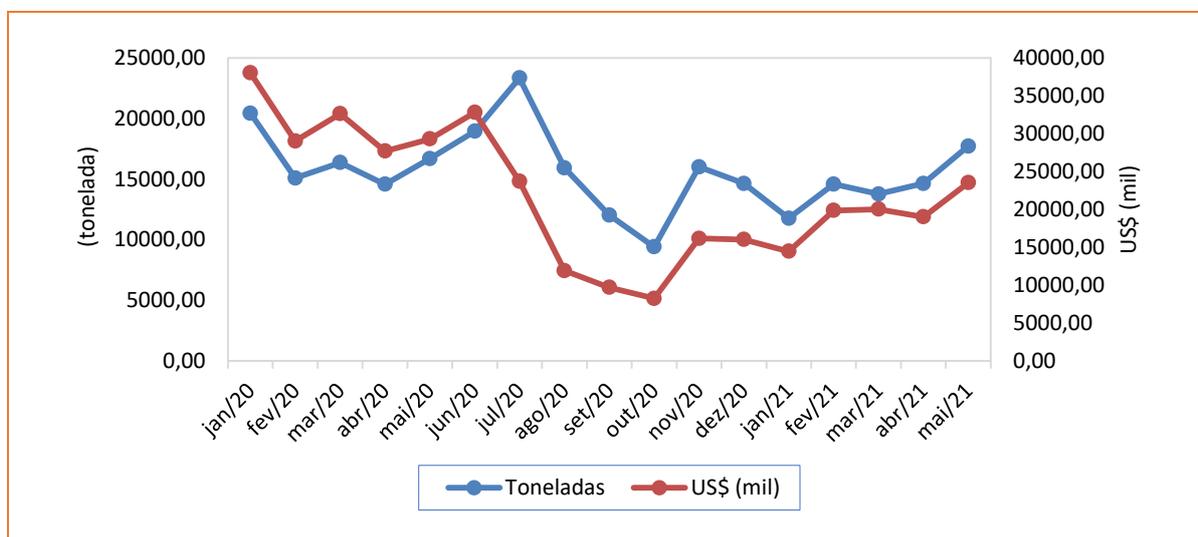


Figura 2. Alho – Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação de jan./2020 a maio/2021

Fonte: ComexStat/ME: jun./2021.

No mês de maio/21, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina, com 9,71 mil toneladas, representando 54,83% do total importado, a China, com 7,88 mil toneladas, 44,49% do total outros países com 0,118 mil toneladas significando apenas 0,68%, como indica Figura 3.

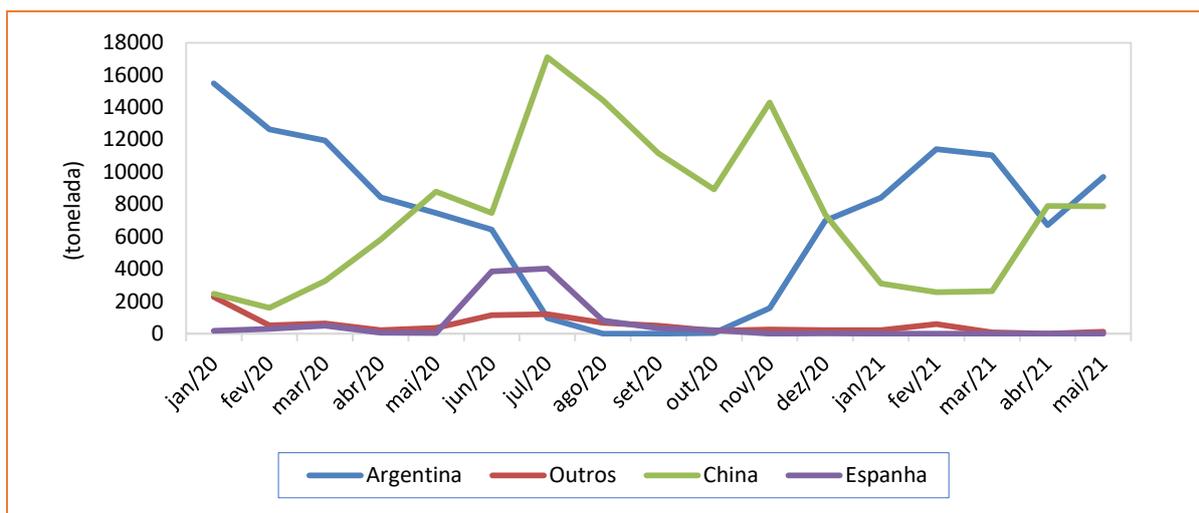


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan./2020 a maio/2021 (t)

Fonte: Comexstat/ME, junho/2021.

Para finalizar, registramos positivamente as articulações e encaminhamentos que estão sendo realizados pelas organizações da cadeia produtiva do alho em conjunto com instituições públicas de pesquisa e assistência técnica em todas as regiões de destaque na produção nacional da hortaliça

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Após uma safra que, apesar dos eventos climáticos adversos em Santa Catarina foi positiva para grande parte dos produtores de cebola, a cadeia produtiva foca suas ações na implantação da nova safra 21/22, já em execução. Segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa, o estado catarinense permanecerá ocupando a posição de maior produtor nacional da hortaliça com mais de 25% da produção nacional. Nesse sentido, devemos enaltecer a importância das políticas públicas como o crédito rural, a assistência técnica, o seguro rural e o Proagro, que aportam apoios importantes para a sustentação da cadeia produtiva em nosso estado, visto que estamos na iminência de lançamento do novo Plano Safra 21/22, e a cultura ser produzida em Santa Catarina, basicamente por agricultores familiares.

Preços e Mercado

A menor oferta de produção brasileira da hortaliça pela safra Sulista começou a ser superada pela entrada mais forte da produção nordestina. A intensificação da oferta da cebola do Nordeste contribuiu para reduzir a entrada de cebola importada no mês de maio.

Na Ceagesp/SP, o mês de maio iniciou com preço da cebola a R\$2,76/kg, valor que representa redução de 11,82% em relação aos preços praticados no início de abril. O mês de maio demarcou certa virada no mercado da hortaliça no mercado nacional pelo aumento da oferta da produção da região nordeste do país. Dessa forma, o preço da cebola foi gradativamente reduzindo no atacado, fechando o mês com preço de R\$2,01/kg, apontando redução de 35,78% em relação ao início do mês.

O mês de junho iniciou com redução de preços no atacado paulista para a cebola nacional atingindo no dia 11/06 o valor de R\$1,94/kg, representando redução de 9,65% em relação ao final do mês de maio. Nesse período a cebola argentina foi comercializada a R\$2,45/kg com redução de 7,54% em relação ao final de maio.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de maio iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$2,75/kg, mesmo preço praticado na última semana de abril. Porém, a partir do dia 07/05, em função de maior oferta de hortaliça nacional, os preços passaram a R\$2,50/kg tendo uma sequência de reduções nas semanas seguintes e fechando maio a R\$2,25/kg, indicando redução de 18,18% em relação ao início do mês. O mês de junho iniciou com preço de atacado a R\$2,00/kg para a cebola nacional, redução de 11,11% em relação ao final do mês de maio. No mesmo período a cebola importada da Argentina permaneceu com preço estável e foi comercializada a R\$2,25/kg.

Safra catarinense

Conforme dados da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 20/21 teve sua comercialização encerrada. No mês de maio e início de junho a Epagri/Cepa coletou a campo, os dados da expectativa inicial da safra 21/22. O estado deverá se manter como o maior produtor nacional da hortaliça com a perspectiva de plantio de 17.553 ha, apontando crescimento de 0,69% em relação à safra passada. Com relação à produção total os dados apontam para um volume de 494,74 mil toneladas, crescimento de 26,87%, visto que a última safra foi afetada pelos problemas climáticos como estiagem, granizo e vendavais.

Para oficializar os números será realizado no dia 21/06/21, pela Epagri/Cepa em conjunto com a Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural (SAR), evento de lançamento das estimativas iniciais de produção das safras de inverno, dentre as quais a cebola. O evento será transmitido

pelos canais de comunicação da Epagri e da SAR e contará com a participação de autoridades, representantes do setor produtivo e técnicos da área.

Importação

De acordo com os dados do SISCOMEX/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. Tradicionalmente o pico da entrada de cebola estrangeira no Brasil ocorre nos meses de março, abril, maio e junho. Nesse ano, o volume importado nos primeiros cinco meses somam 111,52 mil toneladas, redução de 22,59% em relação ao mesmo período do ano passado. Como pode ser visto, em maio ocorreu uma mudança no quadro que se desenhou de janeiro a abril quando a importação foi superior a do mesmo período do ano passado Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de 2018 a maio de 2021 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	14.808	26.040	46.934	22.833	-	-	-	-	-	-	-	111.525,8

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, junho/2021.

O Brasil é um importante mercado para a comercialização de cebola de diversos países. Na tabela 2, são apresentados os principais países fornecedores da hortaliça em 2020 e de janeiro a maio de 2021, com os respectivos volumes e valores totais (FOB). Destaca-se a Argentina, com 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado em 2020. Em 2021, importamos dos vizinhos até maio, 95,01 mil toneladas, 85,19% do volume. A seguir vem o Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total em 2020 e, 6,92 mil toneladas em 2021, 6,20% do total. Os Países Baixos com 14,3 mil toneladas em 2020, perfazendo 7,23% do total importado e em 2021, o volume chegou a 8,65 mil toneladas ou 7,75% do volume importado nesse ano. O custo médio (FOB) em 2020 foi de US\$0,21/kg e em 2021 o preço (FOB) médio está em US\$0,23/kg, aumento de 9,5% em relação a media do ano passado.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020 e 2021 (janeiro a maio)

Países	2020		2021	
	(mil US\$) FOB	Volume (t)	(mil US\$)	Volume (t)
Argentina	26.244,2	155.098,9	19.067,32	95.011,2
Chile	8.782,1	23.142,5	2.879,44	6.922,02
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	3.161,48	8.651,10
Espanha	2.080,8	4.751,5	286,27	585,53
Nova Zelândia	118,2	234,0	58,3	104
Uruguai	0,00	0,00	84,93	253,2
Peru	49,5	122,0	0,00	0,00
Reino Unido	29,6	78,0	0,00	0,00
Bélgica	11,0	28,0	0,00	0,00
Total	42.291,9	197.756,7	25.537,75	111.527,05

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, junho/2021.

Em maio, foram importadas 22,8 mil toneladas de cebola, volume 69,27% menor em relação à abril quando foram importadas 74,2 mil toneladas. A redução para o mês é significativa, inclusive é o menor volume para o mês de maio dos últimos três anos. O desembolso total (FOB) foi de US\$4,59 milhões, com custo médio de US\$0,23/kg, como apresentado na Figura 1.

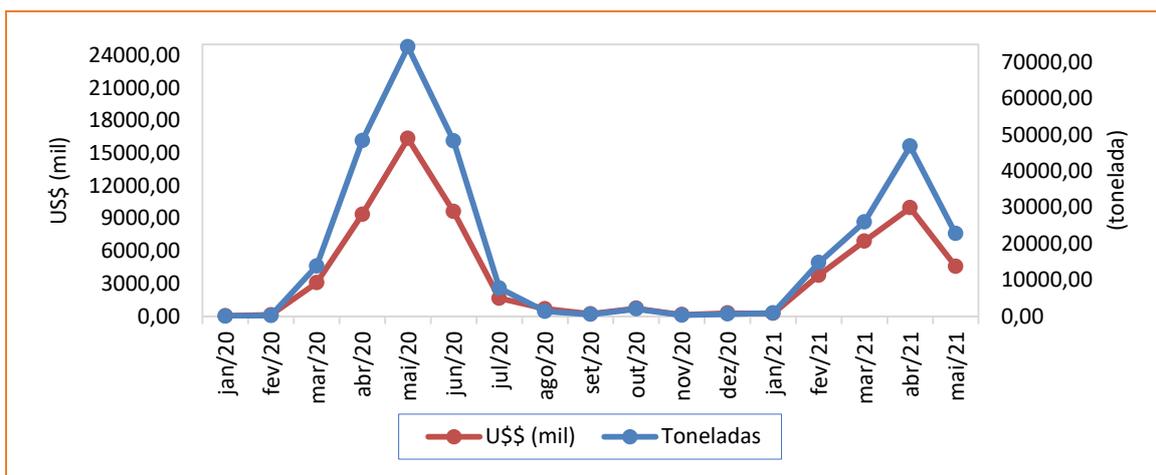


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2020 a maio/2021

Fonte: ComexStat/ME, junho/2021.

Os principais países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de maio foram a Argentina com 21,86 mil toneladas, volume que representa 95,79% do total, o Chile com 0,82 mil toneladas, 3,59% do total e os Países Baixos com 0,14 mil toneladas ou 0,62% total importado, conforme identificado na Figura 2.

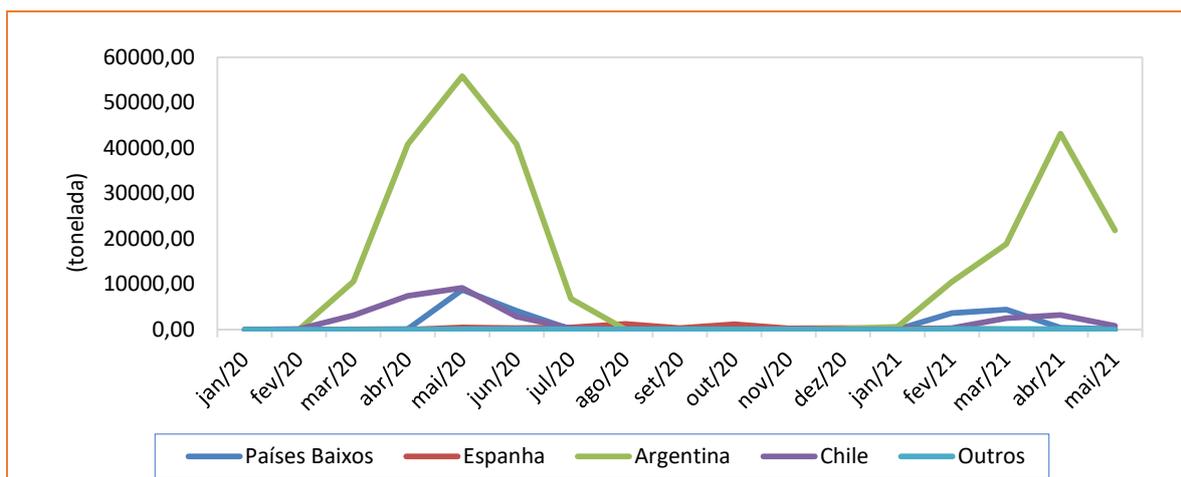


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2020 – maio/2021

Fonte: ComexStat/ME, junho/2021.

Conforme mencionado, a Epagri/Cepa concluiu o trabalho de levantamento a campo sobre a estimativa inicial de produção de cebola safra 21/22. Dessa forma, no dia 21/06 do corrente às 14h: 30min será realizado o evento oficial de lançamento da estimativa inicial de produção das safras de inverno, dentre elas a da cebola e contará com a participação de lideranças e autoridades do setor e assim registrando a importância socioeconômica dessa cultura para a economia catarinense.

Pecuária Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Em comparação a maio, os preços do frango vivo na primeira quinzena de junho apresentaram alta em dois dos três estados acompanhados: 5,7% em São Paulo e 1,5% em Santa Catarina. No Paraná registrou-se queda de 0,7% no período. Em relação aos preços de junho de 2020, as variações seguem expressivas nos três casos: 58,4% em São Paulo, 45,0% no Paraná e 27,8% em Santa Catarina.

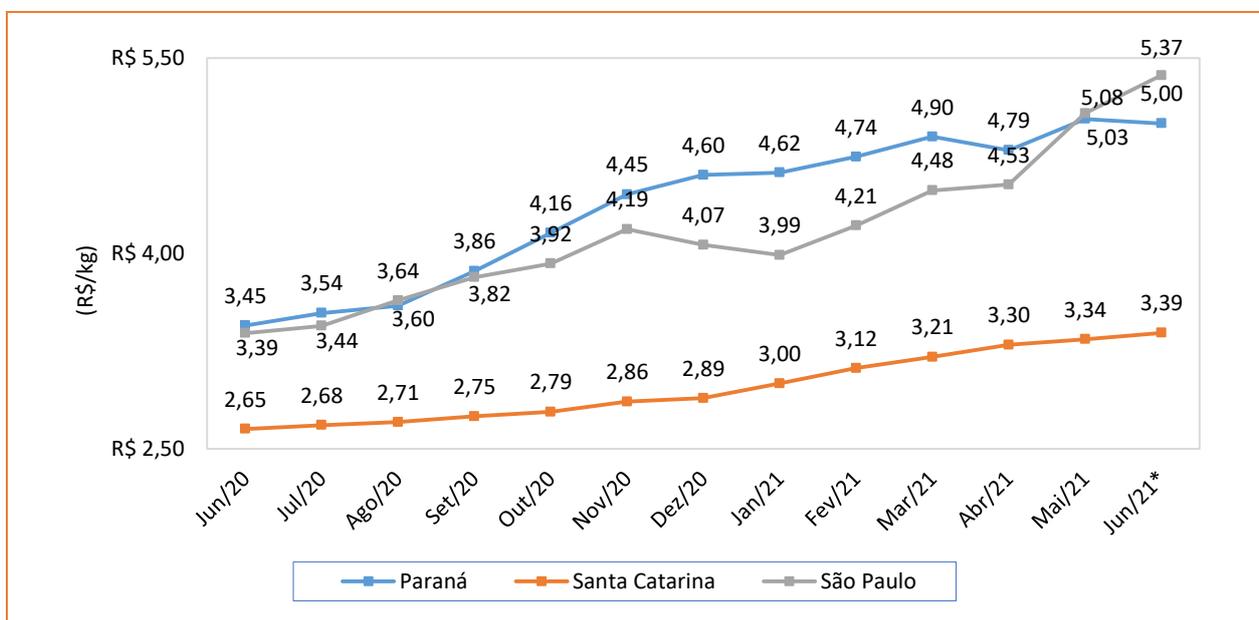


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

No caso de Santa Catarina, observou-se variações de 2,2% e 1,8% nos preços preliminares de junho em relação ao mês anterior nas praças de Chapecó e Sul Catarinense, respectivamente. Em Joaçaba, os preços mantiveram-se inalterados.

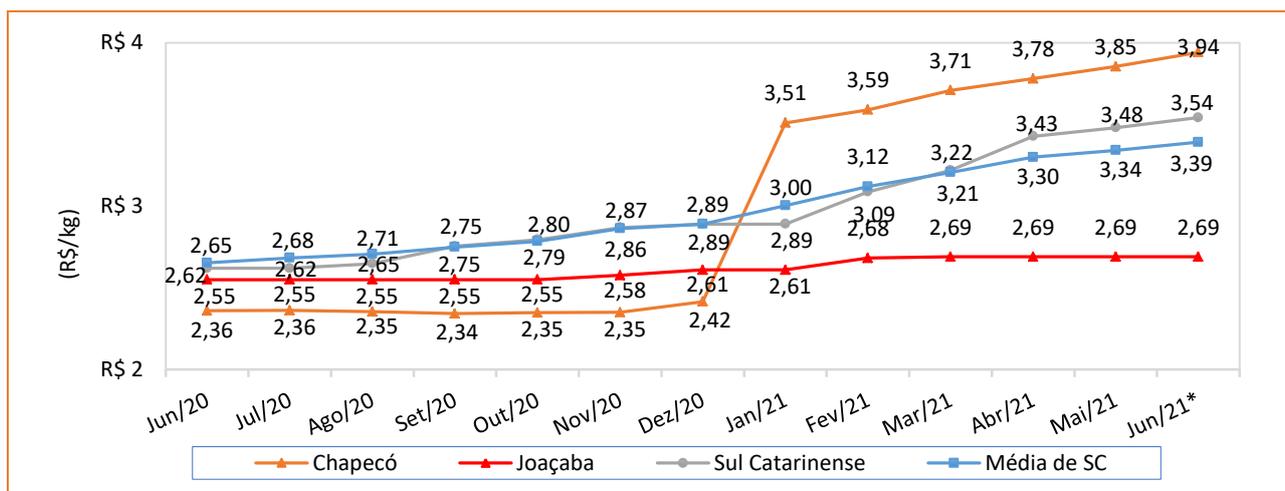


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na primeira quinzena de junho, observaram-se altas nos preços de atacado acompanhados pela Epagri/Cepa, quando comparados ao mês anterior: frango inteiro congelado (6,2%), coxa/sobrecoxa congelada (4,6%), filé de peito congelado (4,0%) e peito com osso congelado (3,9%). A variação média foi de 4,7%. Essa tendência de alta predomina desde março deste ano.

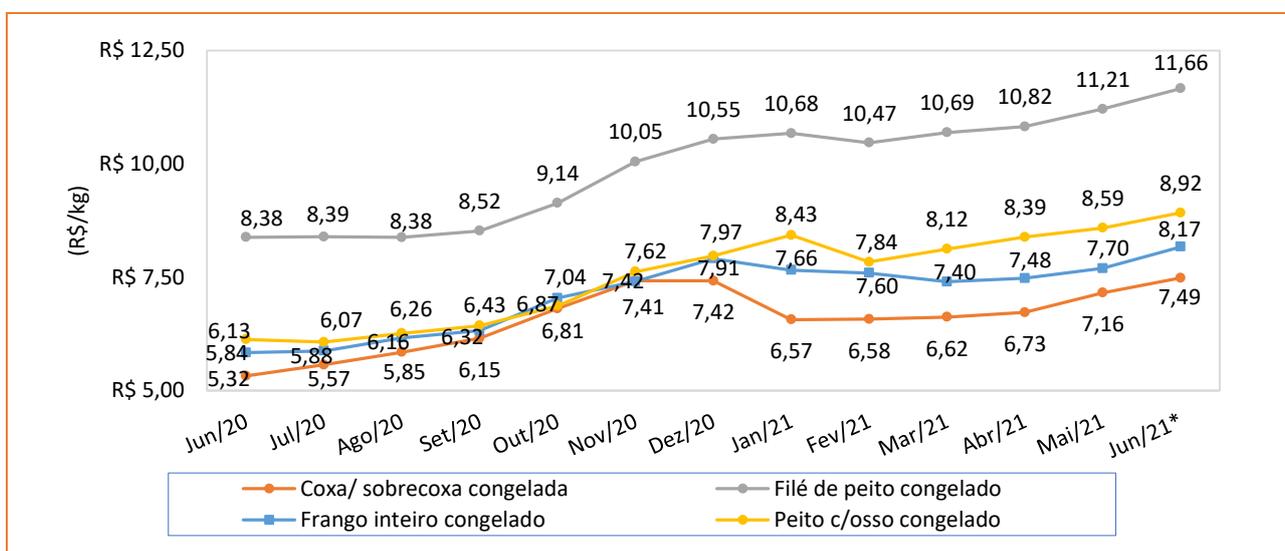


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de junho com aqueles registrados no mesmo mês de 2020, verifica-se que todos os cortes apresentaram variações positivas bastante expressivas: peito com osso (45,6%), coxa/sobrecoxa (40,6%), frango inteiro (40,0%) e filé de peito (39,1%). A variação média no período foi de 41,3%.

Esse cenário é decorrente da conjunção de diversos fatores. Em primeiro lugar, a disparada nos preços da carne bovina levou grande parcela dos consumidores a buscar opções mais econômicas, como é o caso da carne de frango e dos ovos. Mesmo com as recentes valorizações, a carne de frango ainda segue apresentando preços mais atrativos que as concorrentes, carnes bovina e suína. O crescimento do

desemprego e a degradação da renda acentuou ainda mais o processo de migração entre as proteínas de origem animal. Outro fator associado ao aumento de preços é a expressiva elevação dos custos de produção observada ao longo dos últimos meses, como veremos adiante. Por fim, o bom ritmo das exportações nacionais contribui com a redução da disponibilidade de carne de frango no mercado interno e favorece as altas de preços.

Custos

Em maio, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) mais uma vez registrou alta, tendência predominante desde o primeiro semestre de 2020. De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, a alta em relação ao mês anterior foi de 5,6%. Com isso, a variação acumulada nos últimos 12 meses foi de 45,1%, impulsionada principalmente pelo aumento dos custos com nutrição. A alta acumulada no ano é de 19,6%.

Esse cenário é decorrente, em grande parte, da elevação nos preços dos grãos ao longo dos últimos meses. Ainda segundo a Embrapa, a alimentação representou cerca de 75% dos custos de produção do frango em maio.

Assim como registrado em maio, a relação de equivalência insumo-produto, voltou a apresentar queda na primeira quinzena de junho. Até o momento, a queda em relação ao mês anterior é de 8,5%, principalmente em função da redução de 6,5% no preço de atacado do milho, somando-se a isso a elevação no preço do frango vivo (2,2%). Na comparação com junho de 2020, o valor atual da relação de equivalência registra alta de 45,3%.

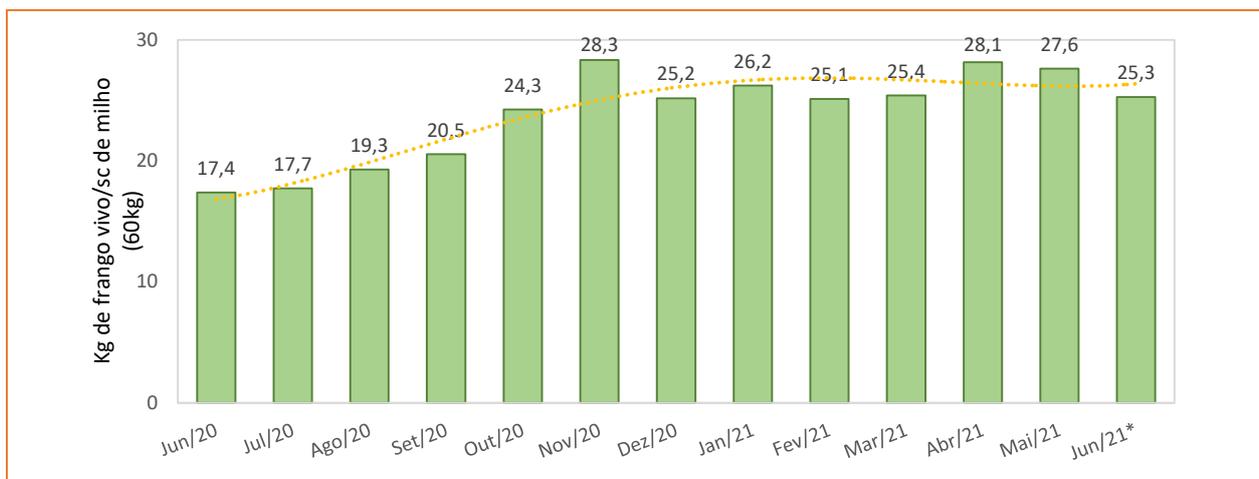


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de junho é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Essa elevação na relação de equivalência insumo-produto significa que em junho de 2020 o avicultor precisava de 18,4kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado). Já em junho deste ano, são necessários quase 25,3kg de frango para adquirir o mesmo produto.

Em fins de maio, associações representativas das cadeias de produção de aves e suínos emitiram comunicado conjunto no qual solicitam que o governo federal adote medidas para garantir a aquisição de grãos a preços mais competitivos por parte das agroindústrias. Caso contrário, as entidades apontam o risco de aumentos ainda mais expressivos nos preços das carnes e até mesmo o fechamento de postos de trabalho no setor.

Comércio exterior

Em maio, o Brasil exportou **402,55 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de **4,5%** em relação ao mês anterior e de **3,8%** na comparação com maio de 2020. As receitas foram de **US\$ 642,75 milhões**, elevação de **7,5%** em relação a abril e de **20,1%** na comparação com maio do ano passado.

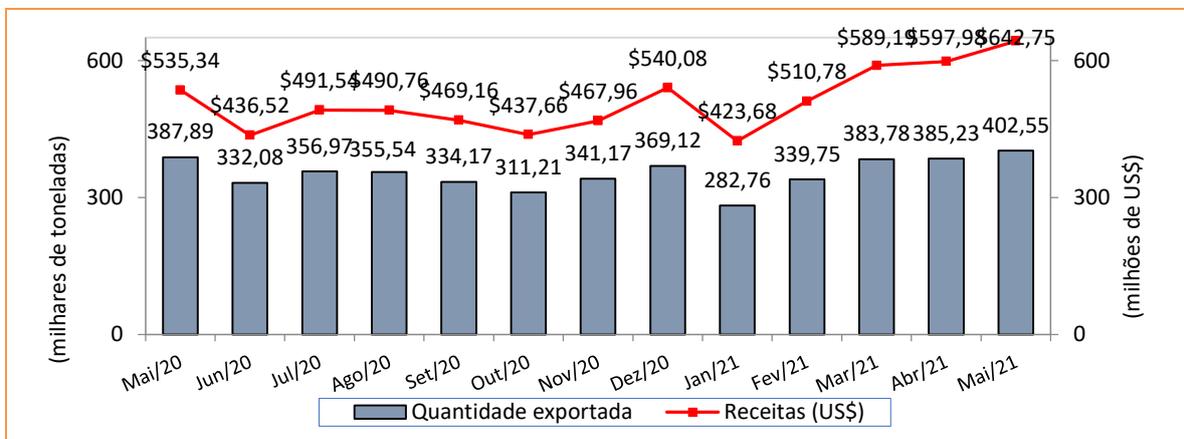


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No acumulado do ano, o país exportou **1,79 milhão de toneladas**, com receitas de **US\$2,76 bilhões**, alta de **4,0%** em quantidade e de **4,1%** em valor, na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango de janeiro a maio foram China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 51,2% das receitas do período.

Santa Catarina exportou **89,90 mil toneladas** de carne de frango em maio (*in natura* e industrializada), o que representa elevação de **6,8%** em relação ao mês anterior, mas queda de **6,9%** na comparação com maio de 2020. As receitas foram de **US\$156,80 milhões**, alta de **13,0%** em relação ao mês anterior e de **8,0%** na comparação com maio de 2020. Os embarques do último mês representam o maior volume mensal desde maio de 2020. Em receitas, esse é o melhor resultado desde dezembro de 2019.

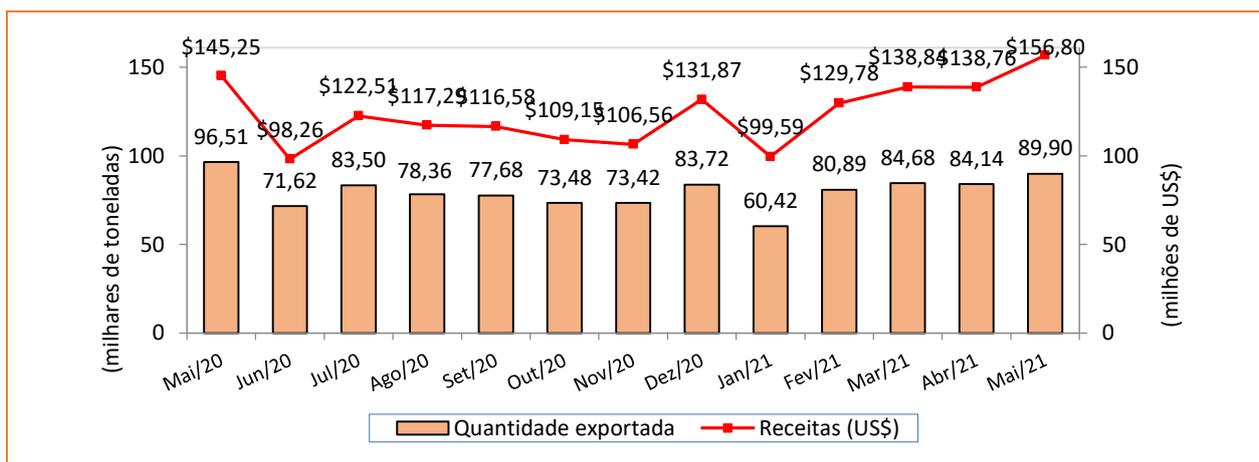


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em maio foi de **US\$ 1.677/tonelada**, alta de **5,7%** em relação ao mês anterior e de **17,1%** na comparação com maio de 2020.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou **400,02 mil toneladas**, com receitas de **US\$663,77 milhões**, quedas de **5,5%** e **4,5%**, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,0%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense de janeiro a maio, os quais responderam por 55,0% das receitas e 49,8% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Janeiro a maio/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	108.158.896,00	60.691
China	75.843.615,00	43.220
Arábia Saudita	64.883.369,00	35.392
Países Baixos (Holanda)	60.796.485,00	26.617
Emirados Árabes Unidos	55.624.504,00	33.268
Demais países	298.465.277,00	200.8271
Total	663.772.146,00	400.016

Fonte: Comex Stat.

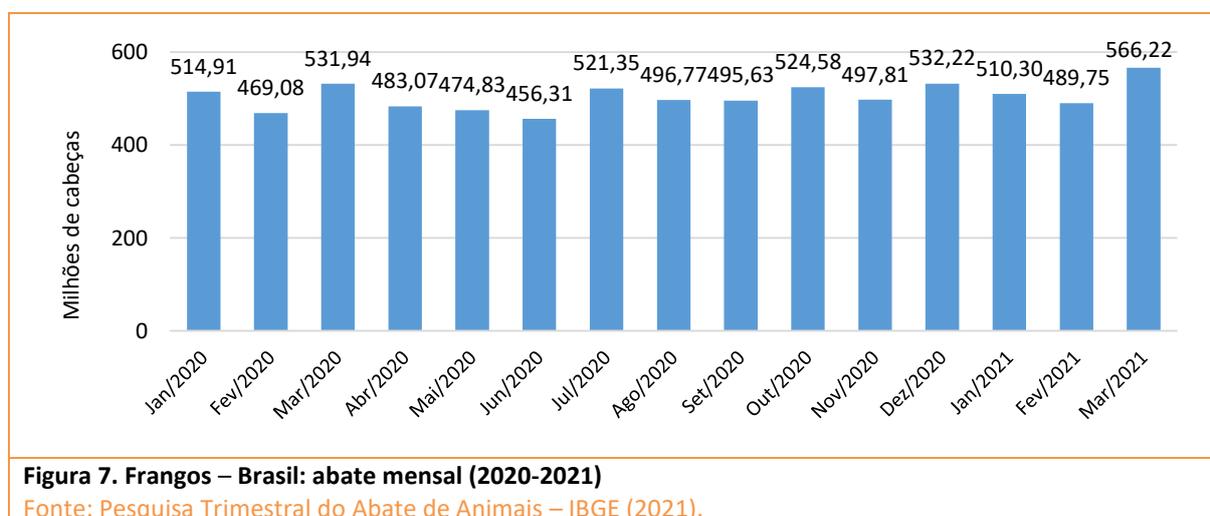
Dentre os dez principais destinos, cinco registraram variação negativa nas receitas acumuladas de janeiro a maio, quando comparadas ao mesmo período de 2020, com destaque para Japão (-10,7%) e China (-28,2%). Por outro lado, chamam atenção os resultados positivos observados nas exportações para a Arábia Saudita (23,6%).

Vale lembrar que em maio a Arábia Saudita anunciou a suspensão da aquisição de carne de frango oriunda de onze plantas de abate brasileiras, uma delas localizada no município de Ipumirim, em Santa Catarina. Apesar disso, na comparação dos embarques para a Arábia Saudita realizados em maio deste ano com o mês anterior e com o mesmo período de 2020, foram registrados resultados positivos em ambos os casos, tanto no cenário nacional quanto estadual.

O bom ritmo das vendas para o mercado internacional vem ajudando a equilibrar a pressão gerada pelos custos de produção às empresas que têm acesso às exportações, que representam em torno de 70% das plantas sob inspeção federal.

Produção

De acordo com os dados divulgados pelo IBGE, o abate de frangos no 1º trimestre de 2021 foi de 1,57 bilhão de cabeças, alta de 3,3% ante o mesmo período do ano passado e 0,7% superior ao 4º trimestre de 2020. Esse foi o melhor resultado desde 1997, quando tem início a série histórica do IBGE.



Tal cenário é decorrente do bom desempenho das exportações brasileiras e, principalmente, da demanda do mercado interno, já que muitos consumidores têm buscado substituir as carnes mais caras por opções

de menor valor, como é o caso do frango. Contudo, o expressivo aumento nos custos de produção pode impactar negativamente sobre a produção do restante do ano, uma vez que muitas empresas anunciaram a intenção de reduzir os alojamentos, na perspectiva de pressionar os preços.

Ainda segundo o IBGE, em Santa Catarina foram abatidos 208,6 milhões de frangos no 1º trimestre deste ano, montante 0,5% abaixo do trimestre anterior e -1,2% em relação ao mesmo período de 2020.

De acordo com recente relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a produção global de carnes em 2021 deverá apresentar crescimento de 2,2%. A produção de carne de aves deve atingir 135,2 milhões de toneladas, aumento de 1,3% na comparação com o ano anterior. Em relação ao comércio internacional de carnes, a FAO espera alta de 0,4% em relação ao registrado em 2020, impulsionada pelas carnes bovina e de aves.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois das quedas registradas na maioria dos estados em maio, nas primeiras semanas de junho voltou a predominar o movimento de alta nos preços do boi gordo, na comparação com o mês anterior: 3,2% em Goiás, 3,2% no Mato Grosso do Sul, 2,6% em Santa Catarina, 2,3% em São Paulo, 2,2% no Rio Grande do Sul, 1,8% no Mato Grosso, 1,2% em Minas Gerais e 0,5% no Paraná.

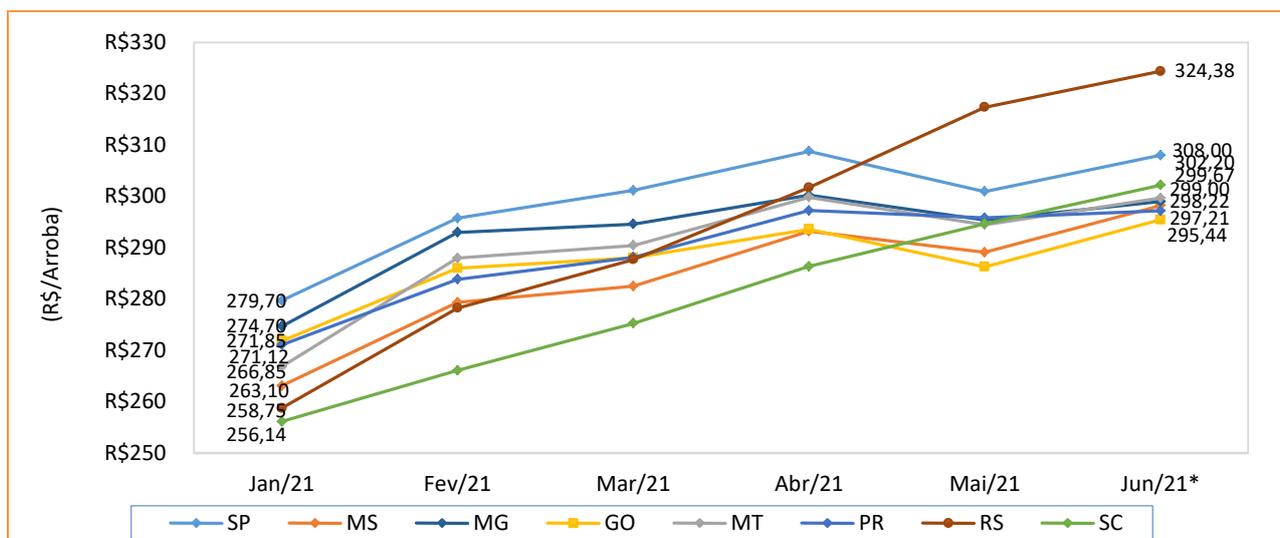


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Diante do desaquecimento do mercado interno em função das expressivas taxas de desemprego, perda de poder aquisitivo dos consumidores e dos elevados preços da carne bovina, bem como de pequenas quedas nas exportações observadas nos últimos dois meses, o principal fator responsável pela elevação das cotações do boi gordo é a baixa disponibilidade de animais prontos para abate, principalmente com o início da entressafra na região Centro Oeste.

Na comparação entre os preços atuais e os valores de junho de 2020, observam-se diferenças expressivas em todos os estados: 66,9% no Mato Grosso, 59,0% em Santa Catarina, 58,8% no Mato Grosso do Sul, 54,8% em Minas Gerais, 54,6% em Goiás, 54,1% no Paraná, 52,6% em São Paulo e 47,4% no Rio Grande do Sul.

Em Santa Catarina, as duas praças de referência do boi gordo apresentaram altas na comparação entre os preços preliminares da primeira quinzena de junho e o mês anterior: 2,7% em Chapecó e 4,5% em Lages. Em relação a junho de 2020, as altas são expressivas em ambas as praças: 56,8% em Chapecó e 72,8% em Lages.

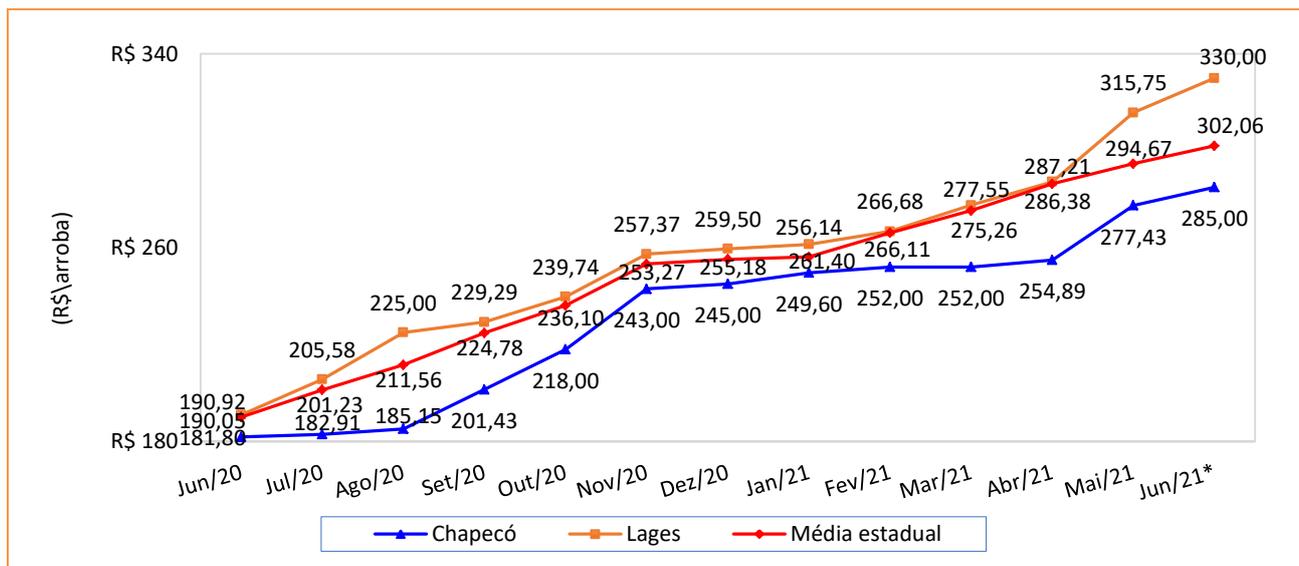


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina mantiveram o movimento de alta que vem sendo observado desde meados do ano passado. Em relação a maio, os valores preliminares de junho apresentaram altas de 3,7% para a carne de dianteiro e de 3,4% para a carne de traseiro, com média de 3,6%. No ano, a alta média acumulada é de 17,1%.

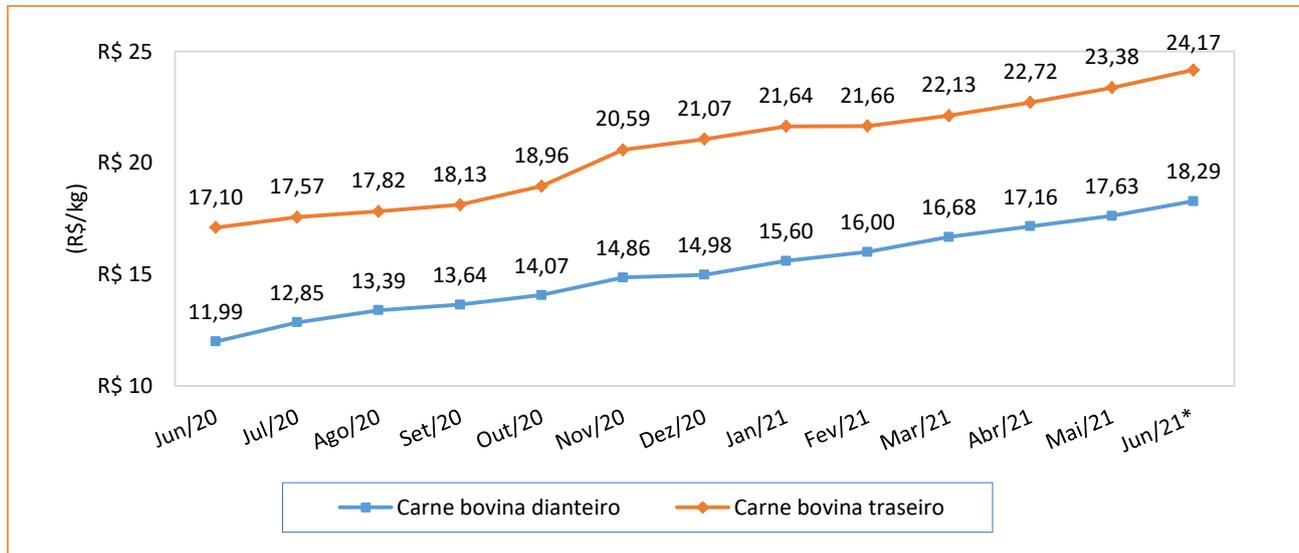


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se compara os valores atuais com aqueles praticados em junho de 2020, verificam-se altas de 52,5% para a carne de dianteiro e 41,3% para a carne de traseiro, média de 46,9%. As altas mais significativas ocorreram nos cortes de dianteiro, que, em geral, possuem preços menores que os cortes de traseiro. Isso é reflexo da maior procura por carnes mais baratas, em função da queda na renda de grande parte dos consumidores brasileiros, já mencionada anteriormente.

Custos

Na primeira quinzena de junho, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina mantiveram a tendência de alta proeminente observada desde meados do ano passado. Na comparação com maio, os aumentos foram de 5,1% para os bezerros de até 1 ano e 7,3% para os novilhos de 1 a 2 anos. O gráfico da Figura 4 demonstra que as curvas de preços apresentam inclinação mais acentuada desde o início deste ano. Na média das duas categorias, as altas acumuladas no ano são de 32,0%. Em relação a junho de 2020, as variações são ainda mais expressivas: 80,3% para os bezerros e 78,7% para os novilhos.

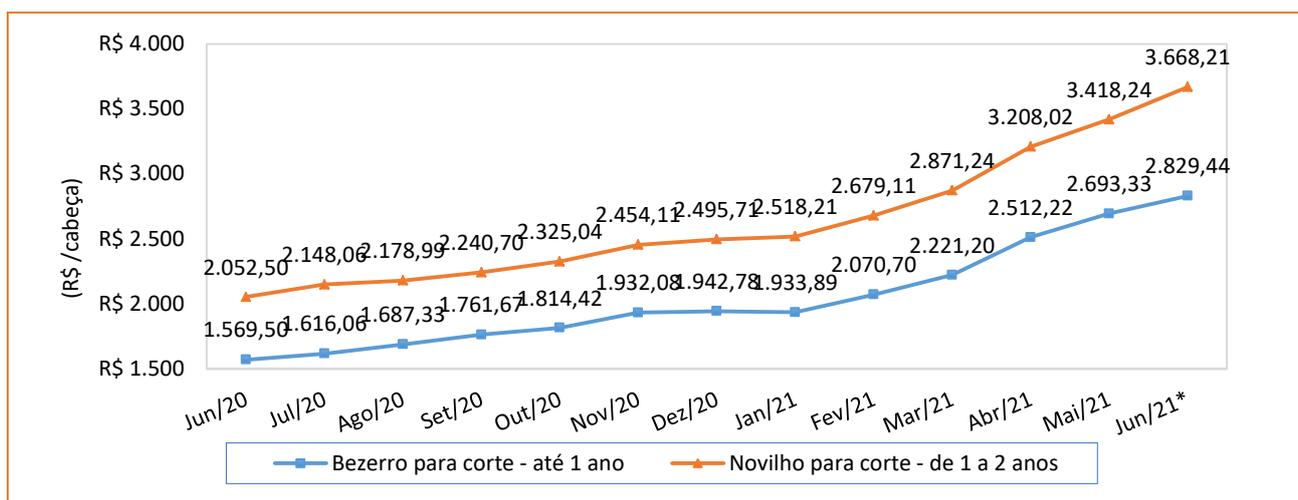


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em maio, o Brasil exportou **149,79 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), quedas de **1,3%** em relação ao mês anterior e de **17,9%** na comparação com maio de 2020. As receitas foram de **US\$724,28 milhões**, **2,7%** acima do registrado no mês anterior, mas **6,9%** abaixo de maio de 2020.

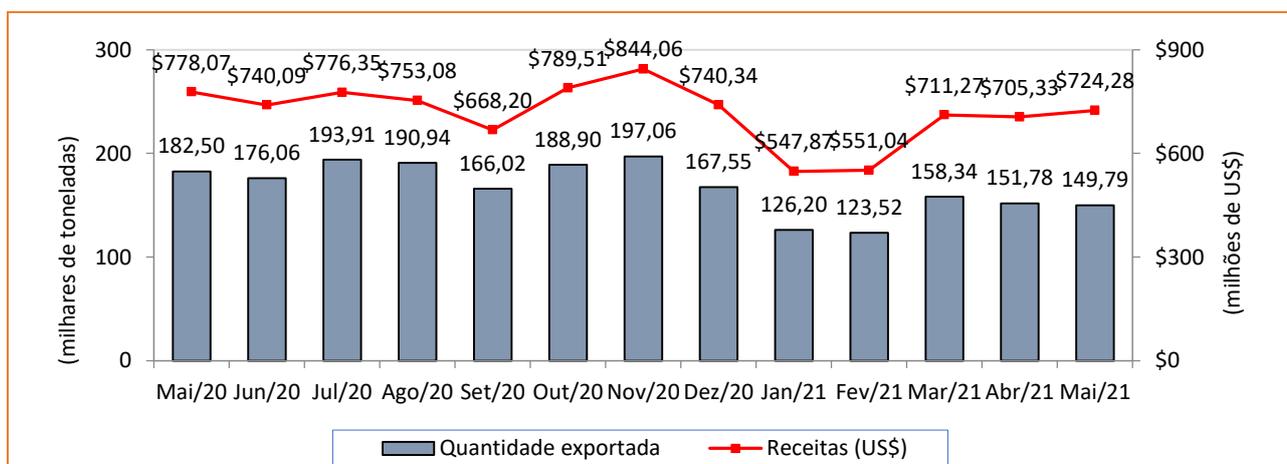


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em maio foi de **US\$ 4.933/tonelada**, altas de **3,5%** em relação ao mês anterior e de **12,2%** na comparação com maio de 2020.

De janeiro a maio, o Brasil exportou **709,63 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$3,24 bilhões** em receitas, queda de **2,9%** no volume e alta de **2,3%** nas receitas, em relação ao mesmo período de 2020. China e Hong Kong responderam por 58,5% das receitas brasileiras com as exportações desse produto no ano.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, seis apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas no ano, com destaque para China (5,4%), Estados Unidos (149,4%) e Filipinas (111,7%). Por outro lado, dentre as variações negativas destaca-se Hong Kong, segundo principal destino, com queda de 16,2%.

Santa Catarina exportou **242 toneladas** de carne bovina em maio, com faturamento de **US\$971,6 mil**, valores abaixo daqueles registrados em abril (-36,9% e -24,6%, respectivamente), mas altas de 8,6% e 44,2%, respectivamente, em relação a maio de 2020. No acumulado do ano, o estado embarcou **1,32 mil toneladas**, com receitas de **US\$4,84 milhões**, variações de -0,7% e 21,2%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Produção

De acordo com os dados divulgados pelo IBGE, no 1º trimestre de 2021 foram abatidos 6,56 milhões de bovinos, queda de 10,6% ante o mesmo período de 2020 e de 10,9% em relação ao 4º trimestre do ano passado.

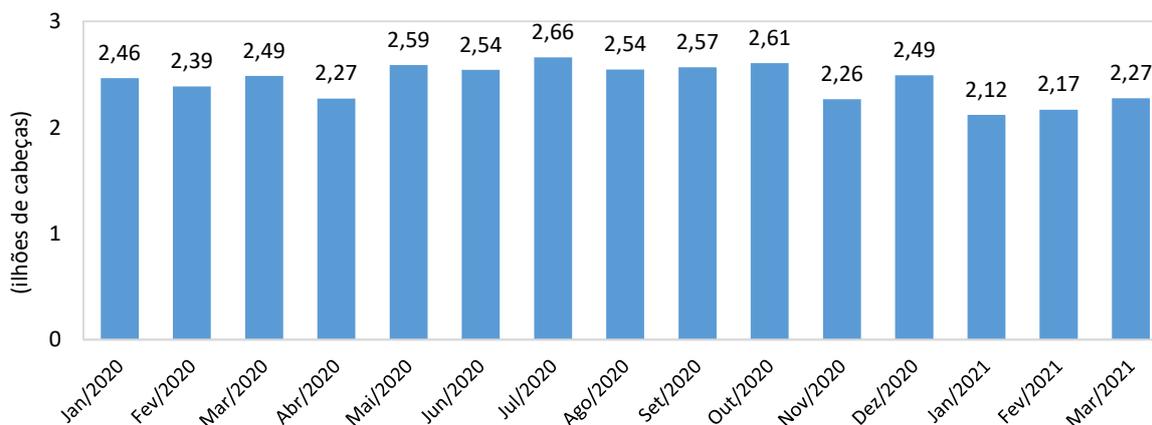


Figura 6. Bovinos – Brasil: abate mensal (2020-2021)

Fonte: Pesquisa Trimestral do Abate de Animais – IBGE (2021).

A queda acentuada na oferta e o aumento nas exportações resultaram na elevação dos preços da carne bovina, tanto ao produtor quanto ao consumidor. Esses dois fatores, aliados à queda na renda média dos brasileiros, afetaram sensivelmente o consumo. Segundo relatório publicado recentemente pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o consumo de carne bovina no Brasil atingiu o patamar de 26,4kg per capita, menor nível desde 1996, quando tem início a série histórica da Conab.

Em Santa Catarina, por sua vez, foram abatidos 137,8 mil bovinos no 1º trimestre deste ano, montante 18,5% abaixo do trimestre anterior, mas 5,4% superior ao mesmo período de 2020.

De acordo com recente relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a produção global de carnes em 2021 deverá apresentar crescimento de 2,2%. A produção de carne bovina deve atingir 72,4 milhões de toneladas, aumento de 1,2% na comparação com o ano anterior. Em relação ao comércio internacional de carnes, a FAO espera alta de 0,4% em relação ao registrado em 2020, impulsionada principalmente pelas carnes bovina e de aves.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

No mês de maio, predominaram as variações negativas nos preços dos suínos vivos na maioria dos principais estados produtores, com índices que variaram de -7,6% em São Paulo a -0,1% no Rio Grande do Sul. A única exceção foi Santa Catarina, que registrou alta de 1,8% em relação ao mês anterior.

Os preços médios das primeiras semanas de junho, por sua vez, registram quedas em todos os estados analisados, conforme demonstra a Figura 1. Contudo, quando se analisa os preços diários, percebe-se uma gradativa recuperação em relação aos preços observados no final de maio. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia

Aplicada (Cepea – Esalq/USP), a menor disponibilidade de suínos com peso ideal para abate e a consequente retração de vendedores impulsionaram os preços do animal neste início de junho no mercado independente. Caso essa tendência se mantenha, é provável que ao final do mês corrente se registre variações positivas em alguns estados. Outro fator que favorece um cenário de alta é a proximidade do inverno e dos dias mais frios, quando normalmente ocorre ampliação no consumo de carne suína.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em junho de 2020, observam-se variações positivas em todos os estados analisados: 44,4% no Rio Grande do Sul, 41,3% no Paraná, 37,7% em São Paulo, 36,7% em Santa Catarina e 25,2% em Minas Gerais.

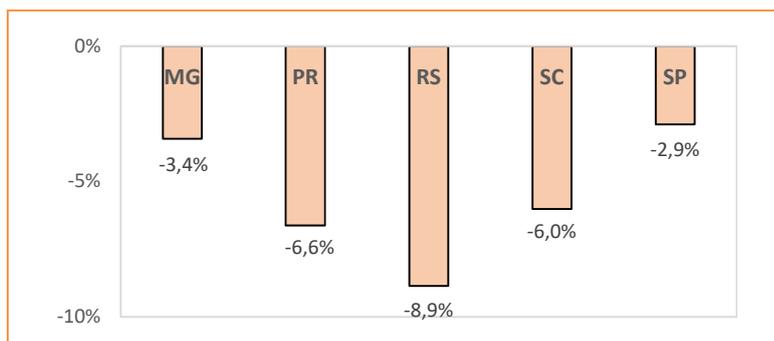


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (maio/junho de 2021*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

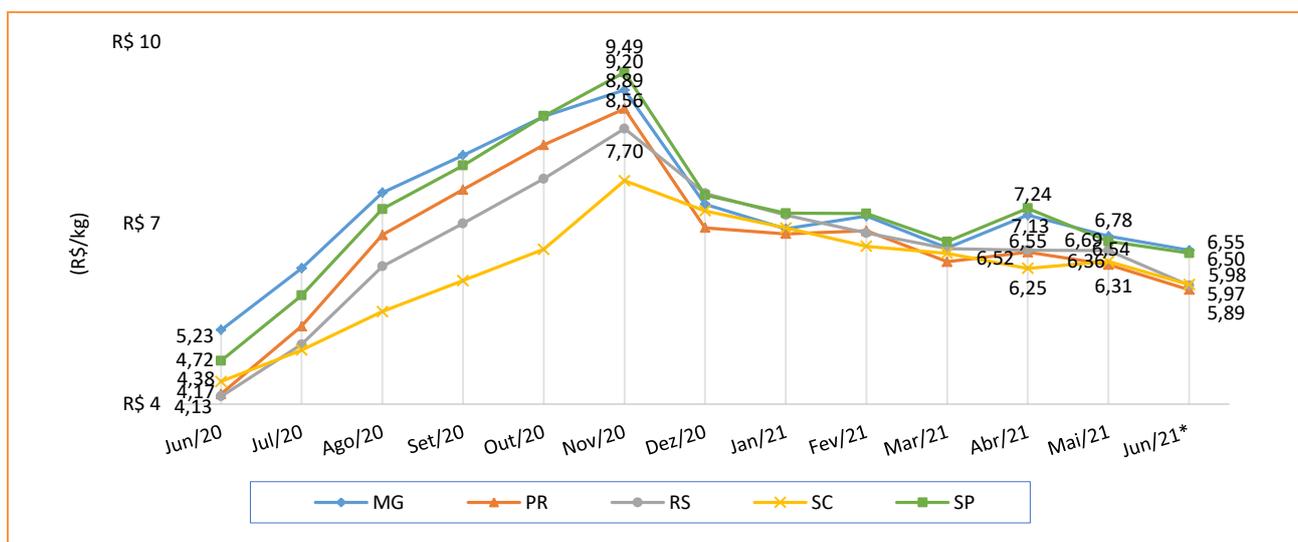


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, os valores preliminares da primeira quinzena de junho apresentaram quedas em relação ao mês anterior: -0,7% para os produtores independentes e -2,7% para os integrados. Na comparação com junho de 2020, as variações são positivas em ambos os casos: 50,0% para os independentes e 38,4% para os integrados.

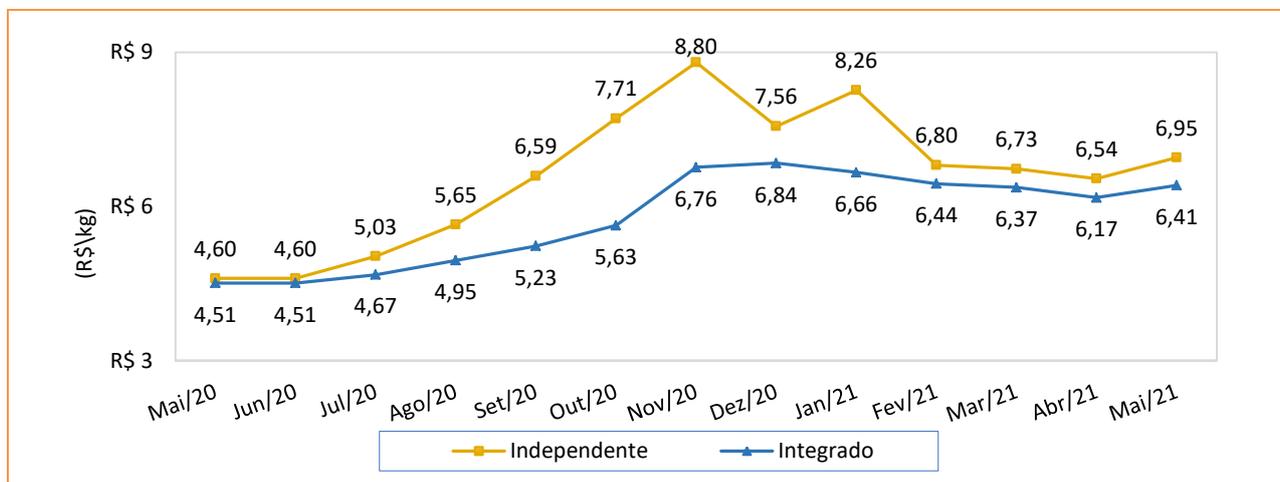


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Depois de altas expressivas em maio, no início de junho os preços de atacado da carne suína voltaram a apresentar quedas, embora não se observe esse movimento em todos os cortes. De acordo com o levantamento da Epagri/Cepa, dos cinco cortes analisados, três registraram alta em relação ao mês anterior: costela (5,5%), lombo (2,6%) e carré (2,3%). Por outro lado, os preços da carcaça e do pernil apresentaram quedas de 7,9% e 9,0%, respectivamente. A variação média foi de -1,3%. No ano, acumula-se queda de 6,5%.

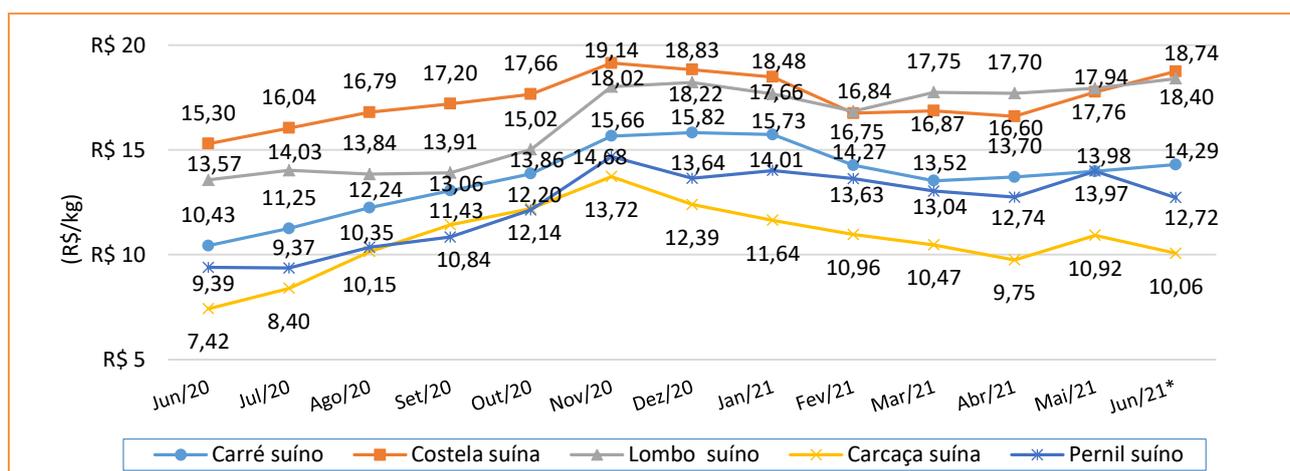


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Não obstante a predominância de quedas nos primeiros meses deste ano, quando se comparam os valores preliminares de junho e o mesmo mês de 2020, as variações são positivas em todos os cortes: carré (37,1%), carcaça (35,6%), lombo (35,6%), pernil (35,4%) e costela (22,5%). Em média, a alta foi de 33,3%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em maio o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$7,30/kg de peso vivo. Com isso, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) registrou alta de 3,7% em relação ao mês anterior. Nos últimos doze meses, a alta foi de 47,3%, impulsionada principalmente pela elevação dos custos com nutrição. Conforme aponta a Embrapa, a alimentação representou cerca de 82% dos custos de produção dos suínos em maio. A elevação acumulada nos cinco primeiros meses do deste ano foi de 10,8%.

Os preços dos leitões mantêm-se relativamente estáveis nas primeiras semanas de junho, com pequenas oscilações. Os leitões de 6 a 10kg registraram alta de 0,5% em relação ao mês anterior, enquanto o preço dos leitões de aproximadamente 22kg caiu 1,2%. Na comparação com junho de 2020, registram-se variações positivas nos dois casos: 40,6% para os leitões de 6 a 10kg e 38,3% para os leitões de aproximadamente 22kg.

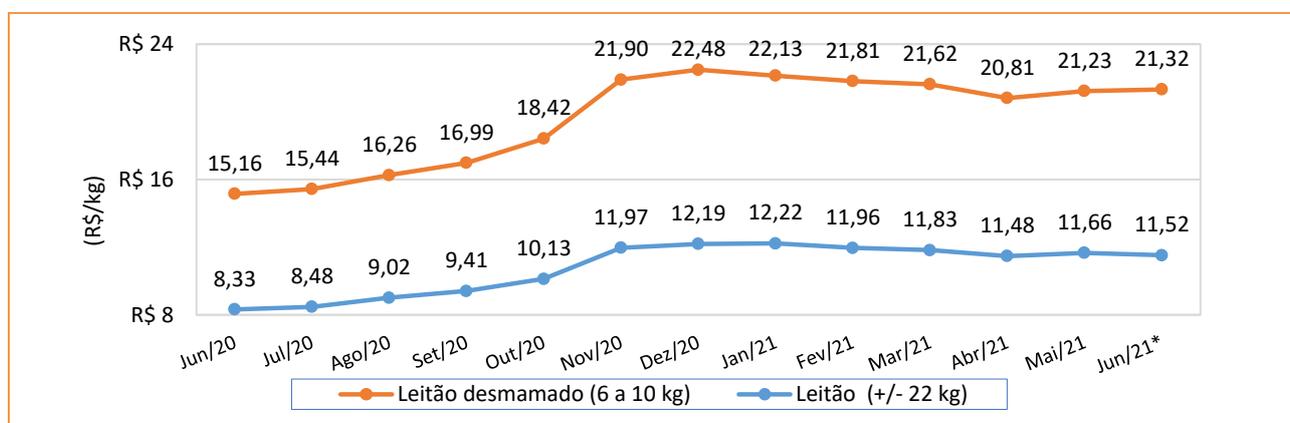


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Assim como já observado em maio, quando a variação foi de -4,9%, a relação de equivalência insumo-produto mais uma vez apresentou queda no corrente mês. O índice das primeiras semanas de junho registra queda de 4,9% em relação ao mês anterior, principalmente em função da redução no preço do milho (-6,5%), parcialmente suplantada pela queda no preço do suíno vivo na praça de Chapecó (-1,6%). Apesar disso, o valor atual está 42,3% acima daquele registrado em junho de 2020.

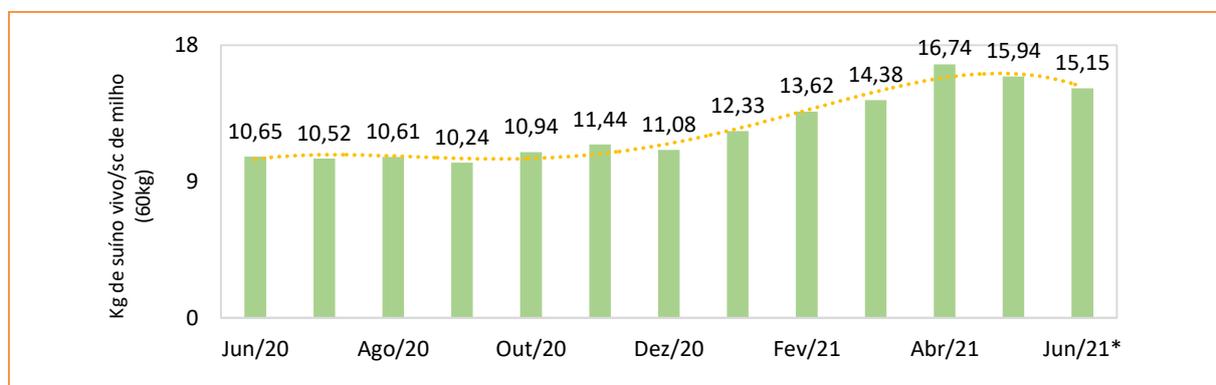


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de junho é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/jun./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Essa elevação na relação de equivalência insumo-produto significa que em junho de 2020 o suinocultor precisava de 10,6kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado). Já em junho deste ano, são necessários 15,2kg de suíno para adquirir o mesmo produto.

Em fins de maio, associações representativas das cadeias de produção de aves e suínos emitiram comunicado conjunto no qual solicitam que o governo federal adote medidas para garantir a aquisição de grãos a preços mais competitivos por parte das agroindústrias. Caso contrário, as entidades apontam o risco de aumentos ainda mais expressivos nos preços das carnes e até mesmo o fechamento de postos de trabalho no setor.

Comércio exterior

Em maio, o Brasil exportou **100,51 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), montante **3,8%** superior ao mês anterior, mas pequena queda de **0,1%** em relação a maio de 2020. As receitas foram de **US\$251,42 milhões**, crescimento de **9,1%** em relação ao mês anterior e de **11,2%** na comparação com maio de 2020.

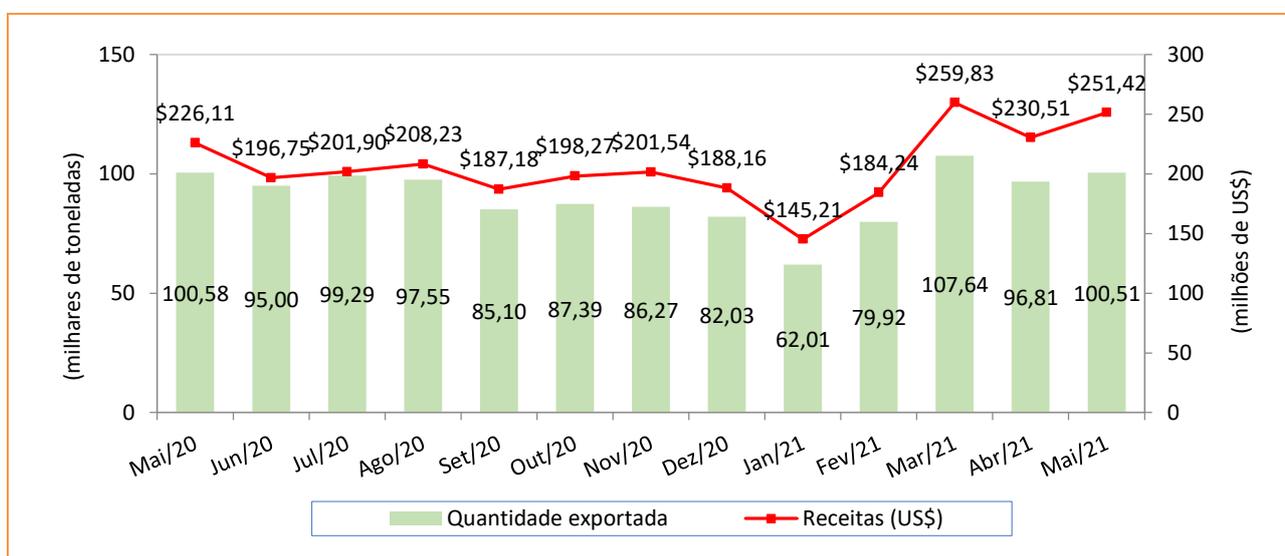


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a maio, o Brasil exportou **446,89 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,07 bilhão**, altas de **18,4%** e **22,8%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína nos cinco primeiros meses de 2021 são China, Hong Kong, Chile, Singapura e Uruguai, responsáveis por 84,5% das receitas no período. China e Hong Kong respondem por 71,2% do total.

Santa Catarina exportou **50,76 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em maio, **1,2%** mais que no mês anterior, mas **1,9%** abaixo de maio de 2020. As receitas, por sua vez, foram de **US\$131,84 milhões**, alta de **6,6%** em relação ao mês anterior e de **16,0%** na comparação com maio de 2020.

Em receita, o resultado de maio representa o segundo maior valor mensal já exportado pelo estado, ficando atrás apenas de março passado. Em quantidade, maio registrou o quinto melhor desempenho da série histórica iniciada em 1997.

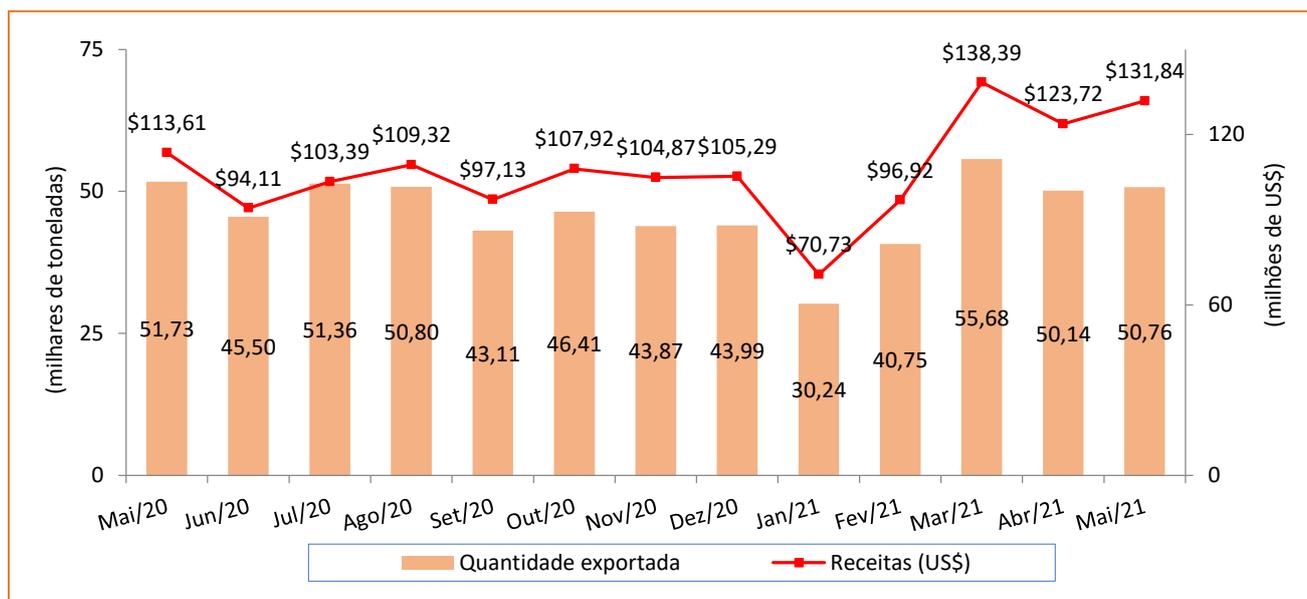


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em maio foi de **US\$ 2.666/tonelada**, alta de **4,0%** em relação ao mês anterior e de **16,4%** na comparação com maio de 2020.

De janeiro a maio, o estado exportou **227,57 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$561,60 milhões**, altas de **14,7%** e **24,3%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **52,4%** das receitas e **50,9%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil até o momento.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 88,4% das receitas do período. China e Hong Kong responderam por 70,6%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Janeiro a maio/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	361.133.221,00	142.942
Chile	64.257.915,00	25.498
Hong Kong	35.477.167,00	17.100
Japão	18.928.906,00	4.539
Argentina	16.847.779,00	5.893
Demais países	64.959.505,00	31.599
Total	561.604.493,00	227.571

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, seis apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas de janeiro a maio em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (32,6%), Chile (111,6%), Argentina (49,2%) e Filipinas (552,0%). A variação negativa mais relevante foi observada nos embarques para Hong Kong (-26,2%).

Embora a Ásia continue sendo o principal destino da carne suína do Brasil, observa-se uma significativa elevação da presença de países da América do Sul entre os dez maiores importadores, o que é altamente positivo para o setor, especialmente do ponto de vista logístico, além de reduzir a dependência brasileira dos países asiáticos.

Vale destacar que em maio a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) certificou diversos estados brasileiros como livres de febre aftosa sem vacinação, *status* que somente Santa Catarina possuía até

então. Dentre os estados contemplados com esse reconhecimento, encontram-se Paraná e Rio Grande do Sul, dois grandes produtores de carne suína. Potencialmente, esse cenário pode afetar as exportações catarinenses, uma vez que amplia as possibilidades dos países importadores que direcionam a aquisição de carne suína às regiões livres de febre aftosa sem vacinação. Contudo, é necessário realizar análises mais aprofundadas para dimensionar as reais transformações que podem ocorrer no setor.

Produção

De acordo com os dados divulgados pelo IBGE, no 1º trimestre de 2021 foram abatidos 12,62 milhões de suínos, alta de 5,7% ante o mesmo período do ano passado e 0,6% superior ao 4º trimestre de 2020. Esse foi o melhor 1º trimestre de toda a série histórica do IBGE, iniciada em 1997. O mês de março de 2021 marcou também o melhor resultado mensal de abate de toda a pesquisa, concomitantemente ao resultado recorde de exportações de carne suína.

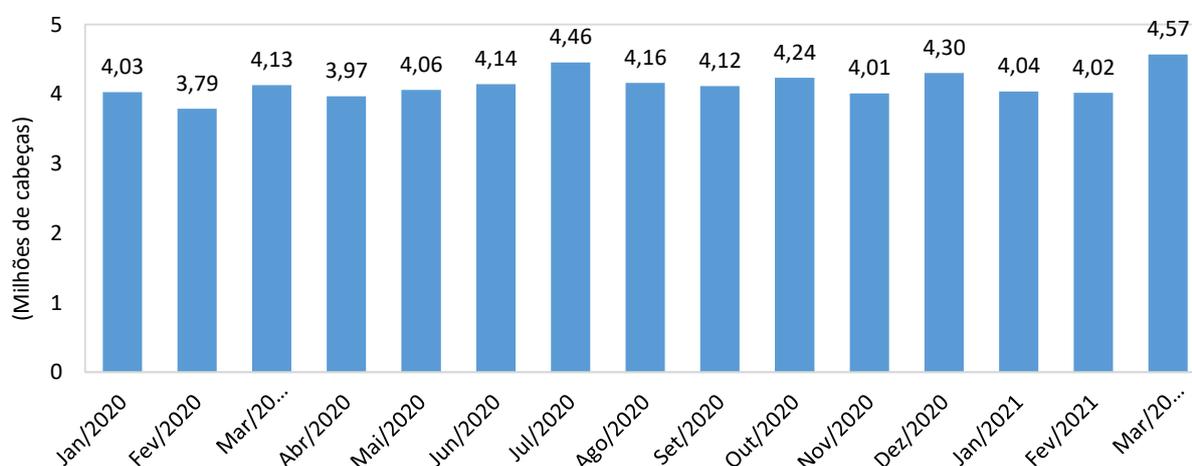


Figura 9. Suínos – Brasil: abate mensal (2020-2021)

Fonte: Pesquisa Trimestral do Abate de Animais – IBGE (2021).

A perspectiva é de que os abates sigam elevados no restante do ano, principalmente em razão das exportações. Por outro lado, o desaquecimento do mercado interno, em decorrência da crise econômica, e a expressiva alta nos custos de produção devem prejudicar um pouco esse crescimento, impedindo variações mais significativas.

Ainda segundo o IBGE, em Santa Catarina foram abatidos 3,64 milhões de suínos no 1º trimestre deste ano, montante 2,1% acima do trimestre anterior e 6,5% superior ao mesmo período de 2020.

De acordo com recente relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a produção global de carnes em 2021 deverá apresentar crescimento de 2,2%. A produção de carne suína deve atingir 114,4 milhões de toneladas, aumento de 4,2% na comparação com o ano anterior. Em relação ao comércio internacional de carnes, a FAO espera alta de 0,4% em relação ao registrado em 2020, não obstante a queda nos embarques de carne suína.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias⁹

No dia 12 de maio, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), com dados de âmbito nacional sobre a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas nos três primeiros meses de 2021. Na oportunidade a indicação era de um aumento de 1,3% sobre a quantidade adquirida no mesmo período de 2020. Neste mês de junho (dia 8), o IBGE divulgou a PTL com os dados por unidade da federação, o que mudou os dados de âmbito nacional divulgados em maio. Com isso, o crescimento na quantidade de leite adquirida pelas indústrias no primeiro trimestre de 2021 em relação ao mesmo período de 2020, passou de 1,3% para 1,8% (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas							
UF	Anual (milhão de l)		Var. %	1º trimestre (milhão de l)			Var. %
	2019	2020	2019-20	2019	2020	2021 ⁽¹⁾	2020-21
Minas Gerais	6.285	6.517	3,7	1.579	1.672	1.661	-0,7
Paraná	3.308	3.491	5,5	801	847	879	3,8
Rio Grande do Sul	3.255	3.336	2,5	798	788	840	6,6
Santa Catarina	2.761	2.892	4,7	633	707	745	5,4
São Paulo	2.786	2.749	-1,3	673	695	657	-5,5
Goiás	2.636	2.514	-4,6	679	662	691	4,4
Rondônia	620	638	2,9	169	171	176	2,9
Bahia	462	568	22,9	117	139	160	15,1
Rio de Janeiro	524	507	-3,2	135	124	132	6,5
Mato Grosso	506	480	-5,1	139	141	127	-9,9
Outras	1.868	1.922	2,9	472	495	488	-1,4
Brasil	25.011	25.614	2,4	6.195	6.441	6.556	1,8

⁽¹⁾2021 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Essa pequena elevação de maio para junho nos números da PTL pouco interferiu para reduzir a diferença em relação aos números do Índice de Captação de Leite Cepea¹⁰ (ICAP-L/Cepea). Por este índice, o volume de leite captado no primeiro trimestre de 2021 foi 5,2% superior ao do primeiro trimestre de 2020. O fato de serem pesquisas com metodologias diferentes não é suficiente para explicar crescimentos tão díspares: 1,8% por uma pesquisa e 5,2% por outra. Embora a disponibilidade de números confiáveis sobre a oferta de leite no Brasil e unidades da federação seja um aspecto fundamental para um melhor planejamento de ações públicas e privadas relacionadas à cadeia leiteira, a precariedade desses números não é recente.

⁹ A Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE) é a única fonte de informação sobre a quantidade de leite adquirida pelas indústrias de todas as unidades da federação e, conseqüentemente, do País. Nos anos recentes, o IBGE passou a divulgar os resultados trimestrais dessa pesquisa em dois momentos: primeiro são divulgados os “primeiros resultados”, com números apenas de âmbito nacional e cerca de um mês após há a divulgação dos dados das unidades da federação. Nesta oportunidade é corriqueiro haver mudanças nos números dos primeiros resultados de âmbito nacional.

¹⁰ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados da amostra: RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA. Esse índice é elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. A participação de cada estado varia mensalmente com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação no ano anterior. Fonte: Cepea.

Nem por isso complexa de se resolver. Uma boa oportunidade para isso é o “Portal do Observatório da Agropecuária Brasileira”, recentemente criado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), cujo objetivo central é reunir e dar publicidade aos dados do agronegócio brasileiro. No caso da oferta de leite, essa tarefa fica particularmente facilitada pelo fato que mais de 90% do leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas do Brasil se realiza via Serviço de Inspeção Federal (SIF), coordenado pelo próprio Mapa.

Balança comercial de lácteos

As importações brasileiras de lácteos aumentaram de abril para maio. Entretanto, a exemplo de abril, ficaram bem abaixo dos patamares alcançados de julho de 2020 a março de 2021. Nas atuais condições de preços internacionais, mesmo com alguma recuperação do Real frente ao Dólar e com as recentes elevações dos preços internos dos lácteos, é improvável que as quantidades importadas voltem a patamares muito significativos, a ponto, por exemplo, de influenciar de maneira mais significativa nos preços internos. As exportações brasileiras tiveram comportamento inverso, decresceram de abril para maio. Ainda assim, o saldo negativo da balança de lácteos no mês de maio ficou bem abaixo do que vinha sendo comum na maioria dos meses dos últimos anos (Tabela 2).

Tabela 2. Balança comercial brasileira de lácteos

Mês	Milhão de quilo								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Janeiro	13,65	10,58	17,83	1,61	2,86	2,36	-12,04	-7,72	-15,46
Fevereiro	16,05	8,80	15,15	2,33	1,79	1,77	-13,72	-7,02	-13,38
Março	10,69	9,38	14,35	2,90	2,54	2,77	-7,79	-6,84	-11,58
Abril	10,86	6,00	7,31	1,66	1,81	4,27	-9,20	-4,19	-3,04
Maio	13,73	7,52	8,27	1,95	2,35	3,27	-11,78	-5,18	-5,00
Junho	10,95	8,42		1,61	2,16		-9,34	-6,27	
Julho	9,95	12,59		1,80	2,66		-8,15	-9,93	
Agosto	9,86	17,99		1,89	2,72		-7,97	-15,27	
Setembro	12,76	22,83		2,04	2,43		-10,72	-20,40	
Outubro	9,78	22,13		1,96	2,68		-7,82	-19,45	
Novembro	10,83	22,95		2,07	2,52		-8,75	-20,43	
Dezembro	10,24	22,44		1,96	2,54		-8,27	-19,90	
Total	139,34	171,63		23,78	29,04		-115,55	-142,59	

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.

Preços

As reuniões dos três últimos meses do Consete/SC sinalizaram que os preços da maioria dos produtos lácteos estiveram em recuperação no mercado atacadista. Com isso, o preço de referência do leite projetado para o mês de maio (R\$1,6757/l) foi 10,1% superior ao preço de fevereiro (R\$1,5218/l), o menor valor deste ano de 2021. Em termos nominais (sem corrigir os valores), o preço médio de janeiro a maio deste ano foi 24,5% superior ao do mesmo período de 2020 (Tabela 3). A reunião do Consete/SC de junho está marcada para o dia 25, nela será estabelecido o preço final de maio e projetado o preço de junho (que serve de base para o preço que os produtores receberão em julho). Considerando que, após a reunião do mês de maio, os preços de alguns lácteos seguiram em elevação no mercado atacadista, o preço de referência a ser projetado para este mês de junho tende a apresentar nova elevação.

Tabela 3. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	1,5218	0,3	23,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	1,5699	8,5	21,0
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	1,5820	8,3	19,9
Maio	1,1522	1,2535	1,3091	1,6757	4,4	28,0
Média até maio	1,0699	1,2129	1,2774	1,5903	5,3	24,5
Junho	1,3454	1,2036	1,5176		26,1	
Julho	1,4050	1,1560	1,5588		34,8	
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288		45,1	
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994		52,9	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1793	1,1954	1,5068		26,1	

Maio/2021: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Embora ainda não se tenha os preços finais de todas as regiões, os levantamentos da Epagri/Cepa indicam que os preços médios recebidos em junho pelos produtores catarinenses aumentaram de maneira mais expressiva do que havia ocorrido nos meses de abril e maio (Tabela 4). Essas variações mensais de preços acima dos percentuais indicados pelo Conseleite/SC indicam que tem havido acirrada concorrência das indústrias pela compra de leite dos produtores.

Tabela 4. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores – 2018-21

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6
Abril	1,01	1,27	1,28	1,76	0,8	37,5
Maio	1,09	1,32	1,19	1,84	-9,8	54,5
Junho	1,14	1,32	1,31	1,98 (2)	-0,8	51,0
Julho	1,30	1,23	1,50		22,0	
Agosto	1,35	1,19	1,66		39,5	
Setembro	1,31	1,21	1,87		54,5	
Outubro	1,28	1,21	1,95		61,2	
Novembro	1,24	1,19	1,92		61,3	
Dezembro	1,11	1,18	1,97		66,9	
Média anual	1,14	1,22	1,54		25,9	

⁽¹⁾Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

⁽²⁾Média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa.